



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LAPREV (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência)



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO
SEXUAL INFANTIL

Sheila Maria Prado Soma

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO
SEXUAL INFANTIL

Sheila Maria Prado Soma¹

Orientadora Dra. Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos
como parte dos requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia.

São Carlos – SP

Agosto/2014

¹ Bolsista FAPESP (Processo nº 2013/02668-9)

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

S693ch Soma, Sheila Maria Prado.
Contação de histórias como estratégia para a prevenção do abuso sexual infantil / Sheila Maria Prado Soma. -- São Carlos : UFSCar, 2014.
101 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2014.

1. Psicologia infantil. 2. Abuso sexual. 3. Crime contra a criança. 4. Contação de histórias. 5. Prevenção. 6. Habilidades autoprotetivas. I. Título.

CDD: 155.4 (20ª)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Sheila Maria Prado Soma
São Carlos, 11/03/2014

Prof.ª Dr.ª Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof.ª Dr.ª Maria da Graça Saldanha Padilha
Universidade Tuiuti do Paraná /UTP

Prof. Dr. João dos Santos Carmo
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14h no dia 11/03/2014.

Comissão Julgadora:
Prof.ª Dr.ª Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams
Prof.ª Dr.ª Maria da Graça Saldanha Padilha
Prof. Dr. João dos Santos Carmo

Homologada pela CPG-PPGPsí na
*Reunião no dia ____ / ____ / ____

Prof.ª Dr.ª Deisy das Graças de Souza
Coordenadora do PPGPsí

Em busca de mais cores... Colorindo a vida... Construindo novas cenas...

No ano de dois mil e cinco um pensamento nasceu
Da prática de profissionais essa ideia cresceu
“O segredo da Tartanina” batizou a criação
Atentando para os direitos das crianças, seres em construção

O pensar no coletivo, embasou dessa forma o projeto
Construído para dar nome à dor, não somente mais um objeto
Pois por trás de um rostinho feliz, rolam lágrimas silenciosas e grande pesar
Criam-se traumas e cicatrizes, que o tempo não pode apagar

Mas então, alguém que está lendo pode de fato se perguntar:
Pra que escrever um livro que o passado não vai superar?
Como ocorre na dialética, podemos construir tal saber
Sensibilizando a sociedade, que fecha os olhos para não ver...

Que existem diversas crianças que diariamente são abusadas
Vivenciam contextos violentos, têm sua infância roubada
Carregam dentro de si, um terrível “baú de segredo”
E sofrem a todo o momento, geralmente sentem muito medo.

Visando então um compromisso com realidades sociais,
Acreditando na transformação de crianças em sujeitos de direitos iguais
O livro da “Tartanina” dá voz aos silenciados, aliviando a dor
Amenizando a tristeza vivida, colorindo a vida com mais amor

Seria essa uma utopia? Algo pra se pensar...
Que poderia tornar-se real, se a sociedade não mais se calar
E aqui fica talvez uma pequena contribuição:
A consciência da nossa responsabilidade, enquanto cidadão.

Ísis Kelly de Hércule

Diálogo entre a tia Sheila e Amanda (em 2011, aos 2 anos de idade)

Tia Sheila: Mandita, você gostou dessa história?

Amanda: Gostei, é a “Tatanina”

Tia Sheila: E o que você aprendeu com a história?

Amanda: Que “pelato” não “poti” né tia!

Para Amanda, minha pequena princesa!

SUMÁRIO

Agradecimentos	10
Apresentação	12
Artigo 1	
Histórias como ferramenta para a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil	15
Artigo 2	
Avaliação dos principais livros infantis brasileiros para prevenir o abuso sexual	36
Artigo 3	
Contação de histórias como estratégia para prevenção do abuso sexual infantil	54
Considerações finais	86

ANEXOS

Ficha de Avaliação de LIAPs	87
Documento de autorização para desenvolvimento da pesquisa nas dependências da Escola ..	89
Parecer do Comitê de Ética	90
Termo de Consentimento Livre Esclarecido	93
Teste de Situações Condicionais	95

RESUMO

O abuso sexual infantil, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, tornou-se um caso de saúde pública, necessitando de intervenções nas diferentes esferas da sociedade. Apesar de ser uma informação alarmante, ainda há poucas notificações desse tipo de crime, que é permeado por segredos, vergonha e culpa. A criança vítima de abuso sexual frequentemente apresenta dificuldades em discriminar a diferença entre o que é uma manifestação de carinho e um ato abusivo, dessa forma, não consegue agir frente a essas situações. Para auxiliá-la nessa tarefa, uma estratégia dos programas de prevenção ao abuso sexual infantil é a utilização de Livros de Abordagem Preventiva (LIAP), que tem como tarefa, ensinar habilidades autoprotetivas para crianças. Com o intuito de compreender como esse tipo de literatura pode auxiliar crianças a se protegerem do abuso sexual infantil, foram realizados três estudos. O primeiro trata de uma revisão sistemática de literatura científica acerca de estudos que analisaram tais LIAPs por meio de critérios pré-estabelecidos. O segundo estudo avaliou LIAPs de autores brasileiros sobre abuso sexual infantil, por meio de critérios estabelecidos pela literatura, buscando identificar o potencial dos mesmos para a prevenção do abuso sexual infantil. O terceiro é um estudo empírico e o tema central da dissertação avaliou a eficácia da contação de história como meio para aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental e de maneira específica, buscou verificar se a leitura da história de um livro especialmente elaborado para a prevenção do abuso sexual infantil, pode promover, de forma substancial, a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual infantil, em comparação a outro livro infantil de prevenção não específico à violência sexual infantil ou a um grupo que não participou de qualquer tipo de leitura. Como resultado, foi possível observar que as crianças que participaram das intervenções com o livro específico sobre abuso

sexual obtiveram desempenho geral superior em comparação ao desempenho das crianças dos outros grupos.

Palavras chave: Abuso sexual infantil, Prevenção do abuso sexual infantil, livros infantis, contação de histórias.

ABSTRACT

Child sexual abuse, according to the World Health Organization, has become a matter of public health, requiring interventions in the different spheres of society. Although alarming information, there are still few reports of this type of crime, which is permeated by secrets, shame and guilt. A victim of child sexual abuse often presents difficulties in discriminating the difference between what is a manifestation of affection and an abusive act thus can not act against these situations. To assist in this task, a strategy of prevention of child sexual abuse programs is the use of books Preventive Approach (LIAP), whose task autoprotetivas teach skills to children. In order to understand how this type of literature can help children to protect themselves from sexual abuse, three studies were conducted. The first is a systematic review of scientific literature on studies examining such LIAPs through pre-established criteria. The second study evaluated LIAPs Brazilian authors on child sexual abuse through criteria established by the literature in order to identify the potential within them to prevent child sexual abuse. The third is an empirical study and the central theme of the dissertation evaluated the effectiveness of storytelling as a means to acquire skills of self-protection against sexual abuse in children 2 years of elementary school and specifically, sought to check whether the reading of story of a book specially designed for the prevention of child sexual abuse, can promote substantially, acquiring skills of self-protection against child sexual abuse, compared to other children's book to prevent non-specific to child sexual abuse or a group that did not participate in any kind of reading. As a result, it was observed that children who participated in the interventions with the specific book about sexual abuse had higher overall performance compared to the performance of children from other groups.

Key words: Child sexual abuse, child sexual abuse prevention, children books, storytelling.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à Maria do Socorro, que como tantas Marias pelo mundo, passou sua vida lutando: contra a opressão, contra as dificuldades, contra a violência, contra uma doença maldita que a levou muito cedo. Jamais vi em seu rosto sofrido uma lágrima sequer de desespero. Jamais foi capaz de ter qualquer comportamento agressivo, vingativo. De sua boca só se ouvia palavras de bondade, de esperança, motivação e fé. Como disse em seu cerimonial nosso querido Padre Fiori, era o nosso pedacinho de misericórdia. Foi a pessoa mais resiliente e cheia de fé que já conheci, criou seus filhos de maneira ímpar, teve uma vida digna e me ensinou coisas valiosas como o *desejo de lutar por aquele que sofre e a perdoar*.

Também quero agradecer a meu esposo Fabio, que há 8 anos participa de todo e qualquer momento da minha vida. Meu maior incentivador, meu apoio, minha calma; aquele que me levou a dar o primeiro passo e que aturou meu mau humor e minhas “maluquices” durante os momentos mais difíceis até aqui. Além do meu eterno agradecimento, ele tem também meu eterno amor.

A minha família que foi o meu primeiro exemplo de amor incondicional. Meus pais Carlos e Amélia, que mesmo com pouca instrução, me ensinaram o valor do estudo, dando todo o suporte que precisei para chegar até aqui. Junto a meus pais, agradeço também a meu irmão Diego, que mesmo distante, esteve o tempo todo torcendo por mim.

Às queridas Lelê e Cris, minhas companheiras de Projeto Tartanina, onde tudo começou. À querida Tércia (Teté), por ter me ensinado tudo o que sei sobre o trabalho social no tempo em que fiz parte de sua equipe no Programa Sentinela.

A Lucia Williams, por me mostrar o caminho das pedras para a concretização desse trabalho e por toda a inspiração que me deu, muito antes de eu sequer pensar em ser orientada por ela um dia.

Não poderia me esquecer de agradecer a todas as crianças que cruzaram meu caminho nesses anos; para as quais eu pude ler “O Segredo da Tartanina”, e que tiveram sua história de sofrimento modificada, ou que aprenderam a se proteger por alguma intervenção que eu tenha feito.

Aos meus amigos incentivadores, que nos momentos em que a “peteca” quase caía, escutava suas vozes motivantes, em especial Adri e Cris. Aos meus amigos de Sanca, que abriram as portas de suas casas para me receber, minha eterna gratidão a Chay, Jé, Lu, Ley e Máyroca.

Aos queridos “Laprevianos”, pelas dicas, auxílios, incentivos, desabafos e principalmente pelos momentos de descontração: Chay, Jé, Lu, Paloma, Sidnei, Gaby, Sabrina, Nahara, Mariana, Aninha e Rachel. Em especial ao Sidnei pela força aos 45 do segundo tempo e Chay pela amizade e por sempre me socorrer nos momentos mais difíceis e complicados.

Aos queridos professores João do Carmo e Maria da Graça, pelas contribuições importantíssimas que me auxiliaram na concretização desse trabalho.

À Fapesp pelo apoio financeiro que foi imprescindível para a realização deste trabalho.

Enfim! Só queria dizer que sem vocês, nada disso teria sido possível!

APRESENTAÇÃO

Para iniciar, pretendo expor aqui o motivo principal que deu origem ao desejo de colocar em prática o presente estudo. A mola propulsora para minha pesquisa vem da minha prática profissional como psicóloga no Sentinela/CREAS III no município de Londrina-PR. Minha trajetória nesse programa teve início no ano de 2005, e a partir dessa prática, minhas colegas de trabalho e eu pudemos perceber a dificuldade de encontrar materiais de qualidade que pudessem nos auxiliar nos atendimentos de crianças vítimas de violência, tanto na perspectiva do tratamento das consequências advindas do abuso sexual sofrido, quanto na perspectiva da prevenção primária e avaliação de suspeitas de casos. Assim, começamos a desenvolver um material que pudesse nos auxiliar, o que culminou em 2011, na publicação do livro *O Segredo da Tartanina*.

Paralelo à criação do livro, foi idealizado e realizado um projeto de prevenção primária pelos profissionais do programa Sentinela no município de Londrina-PR no ano de 2008 (de acordo com registros do programa). O projeto realizou ações de prevenção primária ao abuso sexual infantil junto às crianças de 1ª a 4ª séries (que atualmente configuram as crianças de 6 a 10 anos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I). Na ocasião, foi formulada uma revista em quadrinhos em parceria com a Universidade Estadual de Londrina e Prefeitura Municipal, na qual várias histórias das diversas situações de abuso sexual eram relatadas (as histórias eram adaptações dos próprios casos atendidos pelo programa) e adaptadas para uma linguagem acessível às crianças. Os técnicos do Programa Sentinela abordavam as crianças em suas salas de aula de forma lúdica e contando a história da revista em quadrinhos, sempre de forma interativa, possibilitando que as crianças também pudessem se expressar durante a

contação da história. Ao final, a equipe se colocava à disposição para a criança que desejasse conversar mais sobre o assunto.

Como resultado, muitas crianças procuravam os técnicos para relatar situações de abuso sexual vivenciadas por elas ou por colegas, irmãos e conhecidos. Em tal ano, foram abordadas cerca de 10 mil crianças e recebidas cerca de 200 denúncias, sendo que desse total, três crianças precisaram de medidas de proteção imediata ainda no ambiente escolar. Quanto ao restante das denúncias, foram realizados os encaminhamentos pertinentes, orientações e intervenções. A estratégia de realizar esse tipo de trabalho diretamente com as crianças surgiu após várias tentativas de trabalhos direcionados aos professores e profissionais que, na maioria das vezes, mostravam-se resistentes ao tema e com medo de se comprometerem, afinal *“vai que não é abuso”*, ou ainda *“vai que essa pessoa é perigosa”*, *“como posso acusar sem ter certeza antes?”*.

Baseada nessa experiência exitosa, desejei trazer para a comunidade acadêmica a discussão a respeito da eficácia da utilização desse tipo de material específico para que as próprias crianças pudessem, além de compreender a respeito da problemática do abuso sexual infantil, aprender também a se proteger diante dessas situações, o que culminou com a realização do presente trabalho que lhes apresento a seguir sob a forma de três artigos científicos que versam sobre diferentes aspectos das Literaturas Infantis de Abordagem Preventiva (LIAPs) com o foco na prevenção do abuso sexual infantil.

O primeiro artigo aceito para publicação (nº 22, volume 2 de 2014) pela revista *Temas em Psicologia*, é uma revisão sistemática de literatura científica sobre estudos que tratam da avaliação de livros infantis sobre abuso sexual. Destaca os estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh(2010) e Lampert(2011), que analisaram tais livros por meio de critérios pré-estabelecidos descrevendo os pontos em comum em cada estudo e identificando a necessidade de se produzir pesquisas semelhantes no Brasil.

O segundo artigo, é inspirado no primeiro, e trata de um estudo que pretendeu avaliar os livros infantis sobre abuso sexual infantil, publicados por autores brasileiros, por meio de critérios analisados no primeiro artigo, buscando identificar o potencial desses livros para a prevenção do abuso sexual infantil.

O terceiro artigo apresenta o trabalho central da presente dissertação, cujo objetivo é o de avaliar a eficácia da contação de história como meio para a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental. Mais especificamente, verificar se a leitura da história *O Segredo da Tartanina*, pode promover de forma mais substancial a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças em comparação a outro livro infantil de prevenção, não específico à violência sexual da criança ou abuso, e a um grupo que não participou de qualquer tipo de leitura.

Assim, a presente dissertação, pretende lançar o olhar sobre o problema do abuso sexual infantil, buscando trazer a tona discussões a respeito da prevenção, da implantação e implementação de programas preventivos e principalmente de como as Literaturas infantis de Abordagem Preventiva (LIAPs) podem ajudar crianças a se protegerem, sendo uma ferramenta importante a ser incluída em programas preventivos mais amplos.

ARTIGO 1

Histórias como ferramenta para a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil

Sheila Maria Prado Soma

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Artigo aceito para publicação

Soma, S. M. P. & Williams, L. C. A. (2014). Histórias como ferramenta para a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil. *Temas em Psicologia*, 22(2).

RESUMO

A literatura pode ser uma ferramenta para inspirar, encorajar, informar e potencialmente promover mudanças na vida das crianças. Em diversos países existem livros que abordam o tema do abuso sexual. Tais livros têm potencial para aumentar a conscientização das crianças a respeito dessa temática. Portanto, é de fundamental importância analisar esses LIAPs (Literaturas infantis de Abordagem Preventiva) antes de empregá-los em programas preventivos ou ainda antes de oferecê-los como leitura. Dessa forma, o presente trabalho consiste em uma revisão de literatura científica sobre a avaliação de livros infantis que tratam da temática do abuso sexual. Nessa busca, foram encontrados 31 artigos relacionados aos descritores, entretanto apenas três estudos tratavam especificamente sobre a análise de livros infantis. Os estudos analisaram os livros utilizando critérios pré-estabelecidos. De uma forma geral, os estudos apontaram que os livros analisados tinham grande valor para a prevenção e proteção de crianças em relação ao abuso sexual, ainda que nenhum estudo tenha avaliado empiricamente a utilização de tais livros. Foram descritos pontos em comum em cada estudo e identificada a necessidade de produzir estudos semelhantes no Brasil.

Palavras chave: Livros infantis, Abuso Sexual, Prevenção.

ABSTRACT

Literature may be a powerful tool to inspire, encourage, inform and potentially promote changes in children's lives. There are numerous books on the subject of sexual abuse in many countries. These books have the potential to increase children's awareness this subject. Therefore, it is extremely important to analyze these materials before using them in preventive programs or before offering them to children. Thus, the present paper aims to review the scientific literature on assessment of children's books that deal with the topic of sexual abuse, emphasizing the main ones. In this search, we found 31 articles related to the descriptors, however only three studies dealt analyzed specifically children's books. The studies examined the books through pre-established criteria. In general, the studies showed that the analyzed books had great value for prevention and protection of children against sexual abuse, although no studies were found which empirically assessed interventions using such books. Common points were described in each study, and the need for similar studies in brazil was identified.

Key words: Children books, Sexual Abuse, Prevention

RESUMEN

La literatura puede ser una herramienta poderosa para inspirar, animar, informar y, potencialmente, promover cambios en la vida de los niños y niñas en muchos países hay numerosos libros sobre abuso sexual. Estos libros tienen el potencial de aumentar la conciencia de los niños y niñas sobre este tema. Por lo tanto, es de importancia fundamental analizar estos materiales antes de emplearlos en programas de prevención o mismo antes de ofrecerlos como lectura así, el presente trabajo tiene como objetivo ofrecer una revisión de la literatura científica sobre la evaluación de libros sobre abuso sexual para niños y niñas. En esta búsqueda, fueron encontrados 31 artículos relacionados con los descriptores, solo tres estudios trataron específicamente con el análisis de los libros de los niños y niñas. Los estudios examinaron los libros de un través de criterios preestablecidos. En general los estudios demostraron que los libros analizados tenían gran valor para la prevención y protección de los niños y niñas contra el abuso sexual, aunque no se encontraron estudios empíricos que evaluaran el uso de estos libros. Se describieron comúnmente en cada estudio, y señaló la necesidad de realizar estudios semejantes estos en Brasil.

Palabras clave: Libros infantiles, abuso sexual, prevención.

HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA A PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTO-JUVENIL

*“O livro é aquele brinquedo, por incrível que pareça que,
entre um mistério e um segredo põe ideias na cabeça”*

Maria Dinorah Luz do Prado

O abuso sexual é considerado uma das formas mais graves de violência praticada contra crianças e adolescentes. É um fenômeno universal que atinge todas as idades, níveis sociais, etnias, gêneros, culturas e religiões e suas consequências acarretarem muitos efeitos negativos ao desenvolvimento das crianças e adolescentes vitimizados, necessitando de medidas de enfrentamento em todos os níveis: Familiar, Social, Saúde, Educação, Político e Judicial. Compreende o envolvimento de uma criança ou adolescente em algum tipo de atividade sexual para a qual não está preparado(a) e que não consegue ou não pode consentir. É praticado por um adulto, criança ou adolescente que, por sua fase de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado, apresenta-se numa posição onde há diferença de poder e força física, de responsabilidade e/ou confiança em relação à sua vítima. A pessoa que ofende sexualmente a outra, busca sua satisfação sexual junto a sua vítima utilizando-se da coerção, indução ou força (ABRAPIA, 2007; Brasil, 2004, 2011; WHO, 2002).

O abuso sexual infantil compreende o envolvimento de crianças e adolescentes em situações nas quais há contato sexual físico (sexo oral, carícias e toques genitais) podendo chegar à interação sexual completa (sexo genital ou anal), como também pode ocorrer sem o contato físico (assédio sexual, abuso sexual verbal, telefonemas obscenos, produção e exposição a pornografia, bem como *voyerismo* e exibicionismo), além da exploração sexual com finalidade de lucro (Brasil, 2004, 2011; Ministério da Saúde, 2002; WHO, 2002).

O(a) ofensor(a) sexual geralmente tem preferência por vítimas com autoestima baixa, inseguras e que necessitam ser cuidadas, o que as torna suscetíveis a condições de sujeição e condicionamento amplamente exploradas pelos(as) ofensores(as). Estando vulneráveis, as vítimas apresentam dificuldades em discriminar uma possível situação abusiva, bem como um(a) potencial ofensor(a), daí a importância dos programas preventivos e da utilização de livros que abordam a temática do abuso sexual infantil (ASI) que possam ensinar habilidades protetivas para crianças reconhecerem e se protegerem diante de situações abusivas (Padilha & Gomide, 2004; Padilha & Williams, 2009).

Diversas estratégias podem ser utilizadas para prevenir o abuso sexual infantil, dentre elas a utilização de livros ilustrados. Um livro de história leva a criança a interagir com o enredo e as personagens, dialogar com as mesmas e identificar-se. Ao contar histórias é possível incentivar a criatividade das crianças, possibilitar que elas vivenciem o ambiente das personagens, se identifiquem com elas e conheçam seu mundo. Para ouvir histórias não é necessário estar alfabetizado, pois a criança desde cedo tem contato com textos de forma oral, pela voz dos pais e avós quando lhes são ditos contos de fadas, histórias inventadas, textos bíblicos, poemas dentre outros (Abramovich, 1993).

As histórias podem ter duas funções principais: a literária que tem a função de provocar emoções e encantamento e a pedagógica, que serve como instrumento para promover a aquisição de novas habilidades. O desafio então, é que as histórias possam apresentar às crianças a realidade que as cerca sem perder a ludicidade e sem se afastar da arte (Caldin, 2002).

A literatura pode ser uma ferramenta para inspirar, encorajar, informar e potencialmente promover mudanças na vida das pessoas (McDaniel, 2001). Ela pode auxiliar as crianças a se tornarem mais conscientes da realidade que as cerca, principalmente quando se trata de crianças que vivem situações difíceis. O enredo de uma história pode proporcionar

aprendizado para a criança pelos conflitos dos personagens, suas angústias e alegrias, auxiliando-a a encontrar soluções para suas dificuldades e desafios ou apenas para diverti-las (Craveiro, 2009).

As histórias também transmitem cultura, reproduzindo padrões de comportamento ou regras vigentes em determinada comunidade verbal e indicando um caminho a seguir. Essas regras presentes nas histórias estão diretamente relacionadas aos fatos vivenciados pelos personagens e têm a finalidade de ajudar crianças a aprenderem novos comportamentos, podendo influenciar os jovens leitores (McDaniel, 2006; Vasconcelos, Silva, Curado, Galvão, Naves & Arruda, 2006).

Os livros com conteúdos preventivos permitem que as crianças explorem e compartilhem experiências, auxiliando-as a ampliar seu entendimento sobre as complexidades da vida e do mundo e impelindo-as a enxergar a realidade sob novas perspectivas e circunstâncias. Ao apresentar conteúdos que incentivem a reflexão e a aprendizagem sobre os problemas da vida cotidiana, as histórias trazem informações importantes para que as crianças possam reconhecer cenários potencialmente prejudiciais ou ainda identificar sua própria vitimização e, principalmente, a procurar ajuda. Por meio da leitura, a criança tem oportunidade de perceber que não é o único ser no mundo a passar por dificuldades, ou seja, descobre que há outras crianças que enfrentam situações semelhantes (McDaniel, 2001).

Os livros infantis apresentam várias classificações, dentre elas estão aqueles cujos enredos refletem normas vigentes, papéis sociais e de gênero, abordando temas como violência, abuso de substâncias, dentre outros. Esses livros, geralmente são classificados como pedagógicos, pois são utilizados como instrumento útil ao aprendizado de comportamentos relevantes, entretanto, essa classificação não contempla todo o potencial desses livros. Dessa forma, a sigla LIAP (Literatura Infantil de Abordagem Preventiva) foi cunhada pelas presentes autoras para classificar livros que proporcionam às crianças

representações da vida cotidiana, sendo especialmente úteis para o ensino sobre situações específicas e abordagem de temas embaraçosos e difíceis. É importante lembrar, que esse tipo de livro ainda não é amplamente divulgado, pois geralmente os pais e responsáveis têm receio de incentivar tal leitura às crianças, por medo de que percam a inocência, ou ainda que se sintam incentivadas e curiosas a respeito de determinados temas relacionados a sexo, desenvolvimento sexual e abuso de drogas (Hollander, 1992; McDaniel, 2001; Tomlinson, 1995). Contudo, uma das dificuldades apresentadas por crianças vitimizadas sexualmente é o fato de que não conseguem discriminar as manifestações afetivas; elas não percebem a diferença entre o que é um ato agressivo e um ato cooperativo não sabendo como agir de forma adequada frente a estas situações. Portanto, aprender a identificar riscos deve ser um dos objetivos principais dos LIAPs (Caminha, 2002).

Em diversos países existem livros para crianças e jovens que abordam o tema do abuso sexual, tais livros tem o potencial para aumentar a conscientização das crianças a respeito dessa temática. De uma forma geral, esses LIAPs, bem como os programas de prevenção, devem minimamente informar as crianças sobre o que é o abuso sexual e que elas podem dizer não às investidas do(a) ofensor(a); devem informar ainda a quem recorrer caso uma situação semelhante ocorra. Adicionalmente, precisam oferecer informações a respeito da posse do próprio corpo, dos tipos de toque e não perpetuar estereótipos tanto a respeito da vítima quanto do(a) ofensor(a) (Hollander, 1992; Williams, Padilha & Brino, 2013; Wolfe, 2006; Wurtele, 2008).

Contudo, há uma carência de informações sobre a adequação desses LIAPs e sobre sua eficácia a respeito dos objetivos a que se propõem que são: informar, prevenir e identificar casos de abuso sexual infantil. Portanto é de fundamental importância analisar os LIAPs destinados às crianças antes de empregá-los em programas preventivos ou ainda antes de oferecê-los como leitura (Hollander, 1992). Dessa forma o presente trabalho pretende realizar

uma revisão de literatura científica sobre avaliação de livros infantis que tratam da temática do abuso sexual.

MÉTODO

O objetivo desta revisão foi o de verificar a ocorrência de estudos que avaliem livros infantis para prevenção do abuso sexual em bases eletrônicas de dados (*INDEXPsi, Web of Science, Psyc, SciELO, PUBMed, PsycNET*). Foram consultados de forma retrospectiva todos os estudos realizados entre os anos de 1997 e 2012 utilizando as palavras-chave: “livros de imagens” (*picture books, libros de imagens*), “livros infantis” (*children books, libros para crianças*) e “abuso sexual infantil” (*child sexual abuse, abuso sexual de crianças*), a busca limitou-se aos estudos publicados em inglês, espanhol e português.

Os artigos foram identificados pelos títulos, palavras chave e leitura dos resumos (*abstracts e resumen*), tendo como critérios de inclusão: (1) estudos que avaliassem livros infantis sobre abuso sexual e (2) estudos que utilizassem livros infantis em programas de prevenção do abuso sexual infantil.

Após a seleção dos textos, os resultados foram organizados em uma tabela contendo as seguintes informações: (1) título; (2) quantidade de vezes em que o artigo apareceu nas buscas; (3) palavras-chave; (4) resumo (*abstract e resumen*); (5) periódico hospedado; (6) tema e principais informações contidas no texto.

Foram excluídos os artigos que apresentavam narrativas de adolescentes sobre sua vitimização; biografia de pessoas vítimas; comentários de livros sobre abuso sexual; comentários sobre mulheres vítimas; relatos de histórias autobiográficas sobre abuso sexual; alienação parental; intervenção terapêutica em casos de abuso sexual; relação entre abuso sexual infantil e abuso sexual na idade adulta; perversão na infância; maus tratos infantil;

violência íntima entre parceiros e violência familiar; artigos escritos em idioma diferente do inglês, português ou espanhol e artigos com informações repetidas e presentes em outros artigos. Quando os títulos e resumos não eram esclarecedores, o texto era lido na íntegra com o objetivo de melhor compreender o estudo.

Foram selecionados 31 artigos que estavam relacionados aos descritores (palavras-chave). Deste total, 28 artigos foram excluídos porque não satisfizeram os critérios de inclusão, restando apenas três.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos na revisão sistemática estão representados na Tabela 1 com o objetivo de descrever de forma breve o conteúdo dos estudos de McDaniel (2001), Lampert & Walsh (2010) e Lampert (2011).

Tabela 1

Comparação entre os estudos analisados

<u>Estudo</u>	<u>Objetivo</u>	<u>Seleção do material</u>	<u>Critérios de análise</u>	<u>Resultados</u>	<u>Principais problemas</u>	<u>Principais contribuições</u>
McDaniel, (2001)	Ajudar adultos averiguar os LIAPs mais benéficos para a prevenção de ASI	Livros obtidos em bibliotecas e livrarias para crianças de 4-8 anos	9 critériorsestabelecidos por Rudman(1985)	Descreve e analisa 13 livros encontrados e tece comentários. Aponta 3 livros como sendo mais úteis para ensinar crianças a respeito do que é ASI	Não detalha o método utilizado para selecionar os livros	Acrescenta 4 critérios adicionais considerados importantes para futuras análises
Lampert, & Walsh, (2010)	Servir de base para o desenvolvimento de um <u>corpus</u> de literatura infantil para lidar com o ASI e proporcionar um levantamento desse tipo LIAPs para explorar seu conteúdo em diferentes contextos	Busca em banco de dados eletrônico por catálogos de livros de bibliotecas com a utilização de palavras chave em inglês, para crianças de 3-8 anos, livros com menos de 50 páginas e ilustrações coloridas	Dois critérios de análise(1) 18 dos 32 critérios das Diretrizes para Programas de redução de Vitimização da Criança Hawkins (1999); (2) Análise literária	A busca resultou em 58 exemplares. Por meio de uma seleção aleatória chegou-se ao total de 15	Seleção aleatória pode não ter contemplado exemplares importantes. Ao mencionar os 32 critérios de Hawkins (1999), os autores não especificam quais critérios são esses. Não fica claro como os autores chegaram aos 18 critérios selecionados. Resultados contem expressões vagas na medida em que não identifica numericamente (<u>na maioria</u> , <u>poucos</u> , etc). Não apresenta quais os livros são indicados para programas preventivos.	Utilização de critérios de avaliação permite uma visão geral dos LIAPs
Lampert, (2011)	Examinar como os ofensores sexuais são apresentados e ilustrados nos livros, suas ausências e invisibilidades.	“60 e tantos” livros sobre ASI obtidos por doação	5 critérios estabelecidos pela autora	Foram selecionados 8 livros por se tratarem de livros ilustrados para crianças que continham uma descrição escrita ou por ilustração dos perpetradores do abuso.	A descrição da forma como os livros foram selecionadas é vaga sem a descrição clara do tamanho da amostra. Não apresenta quais os livros mais indicados para programas preventivos.	Utilização de critérios de avaliação permite uma visão geral dos LIAPs

Em relação aos objetivos, os estudos de McDaniel (2001) e Lampert e Walsh (2010) apresentam semelhanças, pois de uma forma geral, ambos pretendem identificar os LIAPs com maior potencial para prevenção do abuso sexual. Em contraste, o estudo de Lampert (2011) pretende analisar a forma pela qual os(as) ofensores(as) sexuais são representados nas obras infantis.

Os estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) apresentam em sua proposta a intenção de fornecer subsídios para selecionar os melhores LIAPs para serem utilizados em programas preventivos, entretanto, os estudos de McDaniel, (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) não apresentam uma análise quantitativa que possa indicar de forma clara os LIAPs que obtiveram um melhor desempenho para tal finalidade. Contudo o estudo de McDaniel (2001) indica através de uma análise qualitativa três, dos treze livros analisados como tendo um maior potencial para prevenção.

Em relação ao método de seleção dos livros a serem analisados, os estudos de MacDaniel (2001) e Lampert e Walsh (2010) realizaram buscas em bases de dados online, bem como em bibliotecas. O estudo de Lampert (2011) realizou suas buscas através de livros doados. Entretanto, os estudos não citam de forma clara e específica quais bases foram utilizadas e em qual período as buscas foram realizadas. Apenas o estudo realizado por Lampert e Walsh (2010) apresentou a busca por palavras chave e um processo de seleção dos livros mais preciso (busca em banco de dados eletrônico por catálogos de livros de bibliotecas, com a utilização de palavras chave em inglês, para crianças de 3 a 8 anos, livros com menos de 50 páginas e ilustrações coloridas).

A falta de critérios em relação ao método de seleção dos livros compromete a qualidade dos estudos, principalmente porque uma escolha aleatória ou com critérios

imprecisos impossibilita a replicabilidade do estudo, não sendo possível avaliar sua evidência científica.

Outro fator que compromete a qualidade dos estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011), é o fato de a análise dos livros ter sido realizada pelos próprios autores, o que não permite que seja realizado um teste de confiabilidade dos resultados obtidos, como acontece quando juízes especialistas são convidados a realizar suas análises.

Em se tratando da forma como os livros foram analisados, os estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) refletem a mesma metodologia de análise pelo estabelecimento de critérios específicos, o que é um procedimento muito útil nesses casos.

No estudo de McDaniel (2001) são utilizados 9 critérios estabelecidos por Rudman (1985) (como citado por McDaniel, 2001) que são: (1) nunca culpar a vítima; (2) ser cuidadoso e indicar o ofensor como um conhecido da vítima ao invés de um estranho; (3) refletir sobre o fato de que os ofensores não tem um estereótipo, podendo ser de qualquer etnia, classe social ou gênero; (4) procurar diferenciar estupro de outros abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos; (5) evitar soluções simples, que não são úteis ou realistas, pois não existem finais felizes sem trabalho duro; (6) incluir informações para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso; (7) ensinar crianças a diferenciarem entre os segredos que são potencialmente ameaçadores para a sua segurança e surpresas para agradar alguém; (8) sugerir formas alternativas de obtenção de ajuda; e (9) evitar cenas gráficas de abuso e violência.

McDaniel, (2001) acrescenta ainda, quatro critérios para contribuir para a análise dos LIAPs que são: (1) apresentar modelos positivos; (2) desmistificar o sexo e

contribuir para atitudes saudáveis em relação à sua sexualidade e seu corpo; (3) ensinar o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão; e (4) apresentar personagens onde os leitores possam se identificar.

Lampert e Walsh (2010), utilizaram 18 dos 32 critérios estabelecidos por Hawkins (1999) que constituem diretrizes para programas de redução da vitimização da criança. São eles: (1) Ensinar às crianças normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência, etc); (2) fornecer instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence); (3) ajudar às crianças a distinção entre um toque adequado e inadequado. (4) ajudar às crianças a distinguir a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados. (5) ensinar à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas; (6) incentivar a criança a contar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam; (7) ensinar a criança a identificar pessoas de sua confiança; (8) ensinar sobre as partes íntimas e anatomia de seu corpo; (9) fornecer a exposição repetida de mensagens de segurança; (10) ensinar que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada; (11) salientar que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança; (12) ensinar que as vítimas não tem um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia; (13) ensinar que não existe um estereótipo de agressor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente; (14) ensinar que os agressores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas; (15) incentivar a denúncia e a notificação dos casos; (16) salientar que as crianças têm o direito de ficarem em segurança; (17) oferecer oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura; e (18) fornecer material de apoio para pais e professores.

Refinando suas análises, utilizaram ainda análise literária dos livros que correspondeu em verificar as estratégias linguísticas dos LIAPs, como a escolha das palavras, focalização e ponto de vista, estrutura narrativa e o simbolismo que eram aplicados a cada um dos livros, além do tratamento de suas ilustrações.

Lampert (2011), ao considerar a forma como os ofensores do abuso sexual são representados nas obras ilustradas utilizou 5 critérios para nortear sua análise: (1) representações dos(as) autores(as); (2) tabus: raça, classe social; (3) tabus: efeitos físicos de abuso infantil; (4) descrições dos(as) ofensores(as): traços, relacionamentos, motivações e (5) fechamentos e problemáticas.

Os resultados nos estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) são apresentados de forma qualitativa, com descrições de cada um dos livros analisados de acordo com os critérios especificados em cada um dos estudos. De uma forma geral, como resultado, os três estudos buscaram descrever quais critérios eram contemplados ou não por cada um dos LIAPs analisados, numa tentativa de identificar quais deles tinham maior potencial para serem utilizados para prevenção do abuso sexual infantil. Contudo, uma análise quantitativa forneceria dados importantes a respeito da porcentagem de critérios atingida por cada um dos LIAPs, fornecendo uma análise comparativa entre as obras, o que traria maior fidedignidade e clareza aos resultados.

Os estudos de McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) trazem contribuições relevantes, pois são referências para pesquisas posteriores que pretendam avaliar o conteúdo desses LIAPs para garantir a aquisição de habilidades protetivas nas crianças que venham utilizá-los. Podem contribuir ainda, para que autores elaborem e/ou revisem suas obras com a finalidade de potencializar o efeito das mesmas para auxiliar pais e educadores na seleção de LIAPs para as crianças ou programas de

prevenção. De forma geral, os estudos apontaram que os livros analisados tinham grande valor para a prevenção e proteção de crianças em relação ao abuso sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de um material direcionado para crianças e por abordar um tema difícil, é preciso ter cuidado ao oferecer esse tipo de leitura às crianças e, portanto, as análises dos LIAPs são relevantes.

É importante destacar ainda que os três estudos foram realizados em países como Austrália (Lampert & Walsh, 2010; Lampert, 2011) e Estados Unidos (McDaniel, 2001), o que significa que no Brasil não foram encontradas pesquisas que tratem do tema. Em contrapartida, há uma gama de LIAPs disponíveis em nossas livrarias e bibliotecas, obras traduzidas e também LIAPs produzidos por autores brasileiros como, por exemplo: *Pipo e Fifi* (Arcari, 2013), *Antônio* (Monteiro, 2012), *O Segredo da Tartanina* (Silva, Soma & Watarai, 2011), *Segredo Segredíssimo* (Barros, 2011) e *Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do Lobo Mau* (Siquenel, 2010). Tais livros carecem de análise de conteúdo semelhantes às propostas nos estudos apresentados nesse artigo, nos mostrando uma lacuna a ser preenchida considerando a relevância do tema.

Para preencher essa lacuna, dois estudos nessa área estão sendo realizados pelas presentes autoras. O primeiro tem o objetivo de verificar se a contação de uma história infantil específica sobre abuso sexual, tem potencial para promover a aquisição de habilidades de proteção em crianças de 7 a 10 anos de idade em comparação com outro livro não específico e um grupo controle. O segundo estudo pretende avaliar os LIAPs publicados por autores brasileiros entre os anos de 2008 e 2013, de acordo com critérios

como os propostos por McDaniel (2001), Lampert e Walsh (2010) e Lampert (2011) em seus estudos.

Os estudos aqui descritos podem servir de base para outros como, por exemplo, estabelecer critérios de avaliação dos LIAPs adaptados para a população brasileira, ou ainda analisar aspectos específicos dos livros, como a maneira como a situação de abuso sexual é representada, quais as consequências do abuso sexual são descritas, como as questões legais são tratadas nesses LIAPs, como as vítimas são representadas, dentre tantos outros aspectos.

REFERÊNCIAS

- Abramovich, F. (1993). *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione.
- ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) (2007). *Relatório do sistema nacional de combate à exploração infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Arcari, C. (2013). *Pipo e Fifi: Prevenção de violência sexual na infância*. Acessado em 20 de setembro de 2013. <http://www.pipoefifi.org.br/home.html>
- Barros, O. (2011). *Segredo segredíssimo*. São Paulo: Geração Editorial.
- Brasil. (2004). *Guia Escolar: métodos para identificação de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos e Ministério da Educação.
- Brasil. (2011). *Guia Escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos e Ministério da Educação.
- Brino, R. F., & Williams, L. C. (2009). Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil: detalhamento de um programa de capacitação. Em: L. C. Williams, & E. A. Araújo, *Prevenção ao abuso sexual infantil: Um enfoque interdisciplinar* (112-127). Curitiba: Juruá.
- Caldin, C. F. (2002). A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 7(13), 25-38.
- Caminha, R.M.(2002) Grupoterapia cognitivo-comportamental em abuso sexual infantil. Em: H. J. Guilhardi, B.B.P. Madi, P.P. Queiroz & M.C. Scoz. (Org.).

- Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento.* (pp. 322-335). Santo André: ESETEC.
- Craveiro, C. C. (2009). *Efeito da exposição continuada a regras descritivas sobre o comportamento escolar de crianças.*(Dissertação de Mestrado). Brasil: Universidade Federal do Pará.
- Ferreira, H.M. (2012). *Antônio*. Rio de Janeiro: Escrita Fina.
- Hawkins, M. (1999). *Guidelines for programs to reduce child victimization: A resource for communities when choosing a program to teach personal safety to children.* National Center for missing and exploited children.U.S. Department of Justice, Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention. Acessado em 20 de setembro de 2013. <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED465464.pdf>
- Hollander, S. K. (1992). Making young children aware of sexual abuse. *Education Digest*, 4 (26), 305-318.
- Lampert, J. (2011). Sh-h-h-h: representations of perpetrators of sexual child abuse in picture books. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning* , 12(2), 177-185.
- Lampert, J., & Walsh, K. (2010). 'Keep telling them until someone listens': understanding prevention concepts in children's picture books dealing with child sexual abuse. *Children's Literature in Education* , 41(2), 146-167.
- McDaniel, C. (2001). Children's literature as prevention of child sexual abuse. *Children's Literature in Education* , 32(3), 203-224.
- McDaniel, C. (2006). *Critical Literacy: A way of thinking, a way of life*.New York: Peter Lang Publishing.
- Ministério da Saúde (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescents pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Brasília: Secretaria de Assistência à Saúde.

- Padilha, M. G., & Gomide, P. I. C. (2004). *Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. Estudos de Psicologia, 9(1), 53-61.*
- Padilha, M. G., & Williams, L. C. (2009). Intervenção escolar para prevenção do abuso sexual com estudantes pré-adolescentes e adolescentes. Em: L. C. Williams, & E. A. Araújo, *Prevenção ao abuso sexual infantil: um enfoque interdisciplinar* (128-135). Curitiba: Juruá.
- Prado, M. D. L. (1989). *Poesia Sapeca*. Porto Alegre: L & M.
- Silva, A.R.S; Soma, S.M.P; Watarai, C.F. (2011). *O segredo da tartanina: Um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil*. Pompéia: UDF.
- Siquinel, C. B. (2010). *Chapeuzinho cor-de-rosa e a astúcia do lobo mau*. Rio de Janeiro: LITTRIS.
- Tomlinson, C. (1995). "Justifying violence in children's literature". Em: Lehr, S. *Batting Dragons: Issues and Controversy in Childrens Literature* (39-50). Portsmouth: Heinemann.
- Vasconcelos, L. A., Silva, C. C., Curado, E. M., Galvão, P., Naves, A. R., & Arruda, M. C. (2006). *Brincando com histórias infantis: uma análise do comportamento para o desenvolvimento de crianças*. Santo André: ESETec.
- Williams, L.C.A., Padilha, M.G.S. & Brino, R.F. (2013). Programas de prevenção de abuso sexual. Em: A.P. Serafim, D.M. Barros & F. Saffi (Orgs.). *Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica III*. (pp.231-248). São Paulo: Vetor.
- Wolfe, V. V. (2006). Child sexual abuse. Em: M., & B. (Org.). *Treatment of childhood disorders* (pp. 545-597). New York: The Guilford Press.

World Health Organization. (2002). *Global consultation on violence and health violence: A public health priority*. Geneva: Who.

Wurtele, S. (2008). Behavioral approaches to educating young children and their parents about sexual abuse prevention. *The Journal of Behavior Analysis of offender and victim treatment and prevention* , 1(1) 52-64

ARTIGO 2

Avaliação de livros infantis brasileiros utilizados na prevenção do abuso sexual

Sheila Maria Prado Soma

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Soma, S. M. P. & Williams, L. C. A. (em preparo). Avaliação de livros infantis brasileiros utilizados na prevenção do abuso sexual.

RESUMO

Há diversos livros para crianças que abordam o tema do abuso sexual infantil. Espera-se que tais livros tenham o potencial para aumentar a conscientização das crianças a respeito dessa temática. O presente estudo avaliou livros publicados por autores brasileiros entre nos últimos 5 anos, tendo como base 27 critérios propostos em estudos anteriores para identificar características e/ou assuntos que devem ser abordados em um livro que trata sobre abuso sexual infantil. Foram identificados seis livros e disponibilizados para análise de juízes especialistas por meio de um questionário de avaliação *online*. Todos os livros selecionados, indicaram potencial para prevenção do abuso sexual infantil, sendo que o livro D se destaca com 48% critérios preenchidos. Os resultados são discutidos com base nos critérios apontados tendo em vista a aplicação potencial de estratégias de intervenção para crianças.

Palavras chave: prevenção do abuso sexual infantil, violência sexual infantil e livros infantis.

ABSTRACT

There are many children picture books addressing the topic of child sexual abuse. It is expected that such books have the potential to raise awareness in children about sexual abuse prevention. This paper evaluates children picture books in Brazil in the last five years, based on 27 criteria proposed in previous studies to identify features and/or issues that should be addressed in a children book about child sexual abuse. Six books were selected and were given for analysis to professional working in the area who completed an online assessment questionnaire. Of the selected books, all indicated to have potential for child sexual abuse prevention, and the book D stood out satisfiung 48% of criteria. The results are discussed based on the recommended criteria considering potential implementation strategies for intervention with young children.

Keywords: child sexual abuse prevention, child sexual abuse and children's books.

AVALIAÇÃO DE LIVROS INFANTIS BRASILEIROS UTILIZADOS NA PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL

A prevenção do abuso sexual infantil é cada vez mais tema de pesquisas entre os estudiosos e profissionais que atuam diretamente com essa temática, o que têm culminado com a criação de programas de prevenção nos quais a principal função é tornar as crianças capazes de se proteger da violência praticada contra elas (Brino & Williams, 2008, Padilha & Williams, 2009, Wolfe, 2006, Wurtele, 2008). Os programas preventivos utilizam diversos recursos para ensinar habilidades de proteção às crianças e dentre esses recursos estão filmes, jogos, guias para professores, pais e para as próprias crianças e também os livros. Contudo, há uma escassez de estudos e pesquisas que avaliem esses programas e comprovem sua eficácia, o que se estende também aos materiais utilizados nesses programas (Finkelhor, 1991; Kenny & Wurtele, 2010; Padilha, 2001).

Crianças gostam de histórias, as narrativas as levam a ter contato com diversos enredos e personagens. Dessa forma, a literatura é um importante veículo para promover o desenvolvimento emocional das mesmas, visto que os livros trazem enredos que são facilitadores para que possam entrar em contato com seus próprios sentimentos e vivenciá-los de forma mais clara, numa tentativa de compreender o mundo, refletindo assim, sua própria realidade (Caldin, 2002; Caruso, 2003; Davis, 1998).

As histórias permitem que as crianças se expressem de maneira mais espontânea, pois são convidadas a falar de si na terceira pessoa. Dessa maneira, é possível obter informações importantes sobre ela dependendo do grau com que se coloca como parte da história (Caldin, 2002). Daí a importância das histórias com enredos preventivos,

pois têm um potencial para descobrir informações úteis para ajudar crianças que passam por problemas difíceis, como o abuso sexual (Davis, 1998; Soma & Williams, no prelo).

Nessa perspectiva, um estudo realizado por Davis (1998) apresentou diversos temas para que as crianças contassem uma história relacionada a tais temas para seus professores. Como resultado, observou que 88% das histórias relatadas pelas crianças trazia alguma informação sobre elas que não era do conhecimento dos professores, e dentre esses casos, algumas crianças forneceram informações que foram fundamentais para ajudar em seu desenvolvimento. Portanto, contar histórias pode fornecer informações importantes sobre como as crianças interpretam o mundo, e tendo a vantagem de permitir que se tornem menos defensivas e reticentes diante dos problemas (Davis, 1998).

Há dois aspectos fundamentais para que um enredo chame a atenção da criança. O primeiro deles é que a história deve capturar a atenção do leitor e o segundo é que ela deve transportá-lo para dentro da história. Isso só é possível, porque de maneira intuitiva, nos interessamos mais pelas histórias quando percebemos que assim como os personagens do enredo, também podemos passar por situações semelhantes. Portanto, prestar atenção na história é uma maneira de desenvolvermos a capacidade de aprender a resolver problemas semelhantes aos dos personagens (Zak, 2013).

Partindo do pressuposto de que o leitor torna-se parte da história que está lendo, é possível sugerir que ao interpretar o texto, o leitor imprime um pouco de si na história, suas vivências, tenta compreender seus dilemas. Neste ponto, ele torna-se coautor da história podendo ou não acatar as intenções do escritor. Quando falamos em um leitor criança, é importante destacar que a mesma ainda não possui desenvolvida de forma plena a sua capacidade crítica e tampouco sua plena capacidade de interpretar o texto lido. Por essa razão, ela pode estar mais suscetível às ideologias contidas nos textos ou

nas ilustrações e esse fator deve ser motivo de preocupação quando se leva em conta a qualidade dos materiais direcionados às crianças, principalmente aqueles que abordam temas difíceis (Caldin, 2002).

Há diversos tipos de Literatura Infantil de Abordagem Preventiva (LIAPs) que tratam do abuso sexual infantil. Espera-se que tais livros tenham o potencial para aumentar a conscientização das crianças a respeito dessa temática. Contudo, Soma e Williams (no prelo) identificaram apenas três estudos que avaliaram esses livros por meio de critérios estabelecidos com a finalidade de verificar quais eram mais adequados para serem oferecidos como leitura para crianças (Lampert & Walsh, 2010; Lampert, 2011; McDaniel, 2001). No Brasil não há registro de pesquisas que tenham avaliado as LIAPs sobre abuso sexual. Contudo, um estudo ainda não publicado, realizado por Soma & Williams (em preparo) buscou avaliar a eficácia do livro “O Segredo da Tartanina” para a aquisição de habilidades autoprotetivas em crianças em uma oficina de contação de histórias.

Assim, com base no artigo de Soma e Williams (no prelo), que descreveu três estudos que avaliaram LIAPs de língua inglesa sobre abuso sexual, de acordo com critérios pré-estabelecidos, o presente artigo pretende avaliar os LIAPs publicados por autores brasileiros de 2008 a 2013, tendo como base os critérios propostos pela literatura (Lampert & Walsh, 2010; McDaniel, 2001), a saber:

Tabela 1

Cr terios para avalia o de livros infantis sobre abuso sexual propostos pela literatura internacional.

9 cr�terios de Rudman (1985). (McDaniel, 2001)	4 cr�terios (McDaniel, 2001)	18 cr�terios (Lampert & Walsh, 2010)
<p>(1) nunca culpar a vítima; (2) ser cuidadoso e indicar o ofensor como um conhecido da vítima ao invés de um estranho; (3) refletir sobre o fato de que os ofensores não tem um estereótipo, podendo ser de qualquer �tnia, classe social ou gênero; (4) procurar diferenciar estupro de outros abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos; (5) evitar solu�es simples, que não são úteis ou realistas, pois não existem finais felizes sem trabalho duro; (6) incluir informa�es para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso; (7) ensinar crianças a diferenciarem entre os segredos que são potencialmente ameaçadores para a sua segurança e surpresas para agradar alguém; (8) sugerir formas alternativas de obten�o de ajuda; e (9) evitar cenas gráficas de abuso e violência.</p>	<p>(1) apresentar modelos positivos; (2) desmistificar o sexo e contribuir para atitudes saudáveis em rela�o � sua sexualidade e seu corpo; (3) ensinar o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão; e (4) apresentar personagens onde os leitores possam se identificar.</p>	<p>(1) Ensinar às crianças normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência, etc); (2) fornecer instru�es explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence); (3) ajudar às crianças a distin�o entre um toque adequado e inadequado. (4) ajudar às crianças a distinguir a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados. (5) ensinar � criança que ela pode dizer <u>não</u> e rejeitar insinua�es não desejadas; (6) incentivar a criança a contar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam; (7) ensinar a criança a identificar pessoas de sua confiança; (8) ensinar sobre as partes ótimas e anatomia de seu corpo; (9) fornecer a exposi�o repetida de mensagens de segurança; (10) ensinar que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada; (11) salientar que o comportamento inadequado de um adulto nunca � culpa da criança; (12) ensinar que as vítimas não tem um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e �tnia; (13) ensinar que não existe um estereótipo de agressor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente; (14) ensinar que os agressores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas; (15) incentivar a denúncia e a notifica�o dos casos; (16) salientar que as crianças têm o direito de ficarem em segurança; (17) oferecer oportunidade para a participa�o ativa das crianças durante a leitura; e (18) fornecer material de apoio para pais e professores.</p>

MÉTODO

Para a elaboração do presente estudo, foi realizada uma busca *online* em sites de compras de livros brasileiros, por LIAPs que tivessem como tema central o abuso sexual infantil. Tal busca foi norteadada pelas palavras chave “abuso sexual infantil”, “violência sexual infantil” e “livros infantis”. Foram encontrados seis livros que contemplaram os seguintes critérios de inclusão: a) livros infantis à venda nas livrarias *online*; b) escritos por autores brasileiros; c) que tratem exclusivamente da temática do abuso sexual infantil; d) classificados para as idades de 5 a 12 anos. Os livros foram adquiridos pelas pesquisadoras, transformados em documento eletrônico em formato PDF e inseridos em plataforma *online* (*Google Docs*), na qual foram disponibilizados exclusivamente para a consulta de juízes especialistas que participaram como avaliadores dos livros.

Os livros selecionados, identificados por autor e ano de publicação foram: (a) Fonseca (2008); (b) Siquenel (2010); (c) Barros (2011); (d) Silva, Soma, Watarai (2011); e (e) Arcari (2013). Para a análise dos mesmos, foi elaborado um instrumento com base nos critérios de avaliação descritos na tabela 1. Para tanto, foi realizada uma junção de todos os critérios, sendo retirados aqueles que se repetiam. Tal procedimento resultou em um instrumento com 27 questões de múltipla escolha e uma questão aberta onde os juízes poderiam emitir sua opinião a respeito do livro analisado, conforme a tabela 2.

Tabela 2

Cr terios para avalia o de Liaps

CRITÉRIOS	ATENDE O CRITÉRIO	ATENDE PARCIALMENTE O CRITÉRIO	NÃO ATENDE O CRITÉRIO
Apresenta modelos positivos?			
Ensina o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão?			
Apresenta personagens com os quais os leitores possam se identificar?			
Ensina sobre as partes íntimas e anatomia do seu próprio corpo?			
Desmistifica o sexo e contribui para atitudes saudáveis em rela�o � sua sexualidade e seu corpo?			
Fornecer instru�es explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence)?			
Evita solu�es simples, que não são úteis ou realistas, pois não existem finais felizes sem trabalho árduo?			
Ajuda a discriminar entre um toque adequado e inadequado?			
Ajuda a discriminar a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados?			
Ensina que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada?			
Procura diferenciar os tipos de abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos?			
Inclui informa�es para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso?			
� cuidadoso ao apresentar o(a) ofensor(a)?			
Salienta que o comportamento inadequado de um adulto nunca � culpa da criança?			
Ensina que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia?			
Ensina que não existe um estereótipo de ofensor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente?			
Ensina que os ofensores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas?			
Ensina normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência) para crianças?			
Ensina � criança que ela pode dizer não e rejeitar insinua�es não desejadas?			
Fornecer a exposi�o repetida de mensagens de segurança?			
Salienta que as crianças têm o direito de ficar em segurança?			
Ensina � criança a identificar pessoas de sua confiança?			
Incentiva a criança a contar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam?			
Incentiva a denúncia e a notifica�o dos casos?			
Oferece oportunidade para a participa�o ativa das crianças durante a leitura?			
Fornecer material de apoio para pais e professores?			
Evita cenas gráficas de abuso e violência?			

O novo instrumento foi inserido em uma plataforma *online* (Anexo 1) e enviado por correio eletrônico a 12 juízes que compõem um grupo de trabalho (GT) de 18 membros da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), interessado na temática do abuso sexual. A escolha dos 12 juízes se deu por meio de sorteio, a fim de que cada um dos livros fosse avaliado por dois juízes. Cada juiz teve acesso somente ao livro que iria avaliar e recebeu um e-mail com orientações sobre o estudo e o preenchimento do formulário. Após o envio das, foram obtidas avaliações de oito juízes sendo uma para o livro *A*, uma para o livro *B*, uma para o livro *D*, uma para o livro *C* e duas para o livro *E*.

Em seguida, as questões foram agrupadas por semelhança de temas, baseadas nas três habilidades descritas por Wurtele (2008). Tal autora, descreve que para que haja efetividade na prevenção do abuso sexual infantil, a criança necessita aprender três habilidades principais: (a) reconhecer uma potencial situação abusiva ou potencial ofensor, (b) resistir às investidas de um ofensor e (c) relatar o ocorrido a uma pessoa de confiança. Posteriormente, as respostas dos juízes foram dispostas em tabela para análise dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os livros foram analisados de acordo com critérios que tem o objetivo de identificar as 27 características e/ou assuntos que devem ser abordados em uma LIAP que trata sobre abuso sexual infantil. A tabela 3 mostra os critérios avaliados e as avaliações dos juízes em relação a cada um dos livros. A avaliação se deu conforme uma escala do tipo *Likert*, com três níveis avaliativos, no qual: (a) S (Sim, atende o critério) se o livro apresentar a informação de forma adequada; (b) P (atende

parcialmente o critério) se o livro apresentar a informação, mas necessitando de ajustes;
e (c) N (Não atende o critério) se o livro não apresentar a informação, ou se a mesma estiver apresentada de maneira inadequada.

Tabela 3

Resultados das análises feitas por Juízes especialistas

		A	B	C	D	E		F	
		AV1	AV1	AV1	AV1	AV1	AV2	AV1	AV2
RECONHECER	Apresenta modelos positivos?	P	S	P	S	P	S	P	S
	Ensina o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão?	N	N	N	S	N	P	N	P
	Apresenta personagens com os quais os leitores possam se identificar?	N	P	S	S	S	P	S	S
	Ensina sobre as partes íntimas e anatomia do seu próprio corpo?	N	N	P	P	N	N	S	P
	Desmistifica o sexo e contribui para atitudes saudáveis em relação à sua sexualidade e seu corpo?	N	N	N	N	N	N	N	P
	Fornecer instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence)?	N	S	P	P	N	P	S	S
	Evita soluções simples, que não são úteis ou realistas, pois não existem finais felizes sem trabalho árduo?	N	N	N	S	S	S	P	P
	Ajuda a discriminar entre um toque adequado e inadequado?	P	P	P	P	N	P	S	S
	Ajuda a discriminar a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados?	P	P	P	P	N	N	N	P
	Ensina que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada?	S	P	P	S	P	S	P	S
	Procura diferenciar os tipos de abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos?	N	N	N	N	N	N	P	P
	Inclui informações para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso?	P	N	N	P	P	P	P	S
	É cuidadoso ao apresentar o(a) ofensor(a)?	P	P	P	S	P	S	S	P
	Salienta que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança?	P	N	S	P	N	P	N	N
	Ensina que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia?	P	N	N	N	N	N	N	P
Ensina que não existe um estereótipo de ofensor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente?	P	N	N	N	N	N	N	P	
Ensina que os ofensores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas?	S	P	P	P	P	S	N	N	
RESISTIR	Ensina normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência) para crianças?	N	N	N	N	N	N	N	P
	Ensina à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas?	P	N	P	P	N	P	P	S
	Fornecer a exposição repetida de mensagens de segurança?	P	N	N	P	N	P	P	S
	Salienta que as crianças têm o direito de ficar em segurança?	P	N	N	S	P	P	P	S
RELATAR	Ensina à criança a identificar pessoas de sua confiança?	P	P	P	S	N	N	S	S
	Incentiva a criança a contar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam?	S	N	S	S	P	P	S	S
	Incentiva a denúncia e a notificação dos casos?	P	P	N	S	P	N	N	P
OUTRAS	Oferece oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura?	P	P	P	S	N	N	P	P
	Fornecer material de apoio para pais e professores?	N	N	N	S	N	N	S	P
	Evita cenas gráficas de abuso e violência?	S	S	S	S	S	S	S	P

LEGENDA

A, B, C, D, E e F = Livros

Av1= Avaliador 1

AV2 = Avaliador 2

N = Não apresenta o critério

S= Apresenta o critério

P = Apresenta o critério de forma parcial

É possível verificar que nos conteúdos abordados, nenhum dos LIAPs ensina normas de segurança geral às crianças, como por exemplo, endereço e telefones de emergência. Apenas um dos avaliadores indica que o livro *F* apresenta tal conteúdo de forma parcial. Tal informação é importante que conste neste tipo de livros, pois é preciso que a criança saiba a quem recorrer e como fazê-lo, caso esteja diante de uma situação de abuso. O mesmo resultado pode ser observado no critério que aponta a necessidade de desmistificar o sexo a fim de contribuir para atitudes saudáveis em relação à sexualidade e posse do corpo. Em contrapartida, todos os LIAPs evitaram cenas gráficas de abuso e violência, exceto um avaliador acredita que o livro *F* apresenta tal cena de forma parcial.

Apenas o LIAP *A* e *F* apresentam de forma parcial o critério no qual é preciso ensinar que não existe um estereótipo de ofensor. É importante para a criança saber, que até mesmo as pessoas mais próximas são capazes de ter comportamentos inadequados e que as façam sofrer, visto que as grandes maiorias dos abusos acontecem no âmbito familiar. Em relação ao critério de trazer informações e conteúdo de apoio a pais e professores, somente os livros *D* e *F* trazem tal conteúdo, esta informação é de extrema importância para auxiliar a pais e professores durante uma leitura monitorada, fornecendo-lhes subsídios para melhor intervirem caso necessário.

Sobre diferenciar os tipos de abusos sexuais e também as carícias abusivas de toques afetuosos, apenas o livro *F* contempla de forma parcial os critérios. Tal informação é crucial, pois uma das estratégias utilizadas pelos ofensores é apresentar o abuso como um jogo divertido, o que faz com que a criança tenha dificuldade em reconhecer tal interação como abusiva.

O LIAP *A* é o único título que ensina de forma clara que os ofensores podem ser pessoas da confiança da criança ou seus conhecidos. O livro *F* é o único título que

pretende ensinar a discriminar de forma clara um toque adequado e inadequado, também objetiva ensinar sobre as partes íntimas e anatomia do corpo humano. O LIAP *D* é o único título a apresentar claramente o incentivo à denúncia e notificação dos casos, sobre o direito das crianças estarem em segurança, ensinar sobre o pensamento crítico, propondo habilidades de tomada de decisões, além de oferecer a oportunidade de participação ativa da criança durante a leitura.

A Figura 1 aponta a frequência dos critérios alcançados por cada uma das avaliações em relação aos níveis avaliativos.

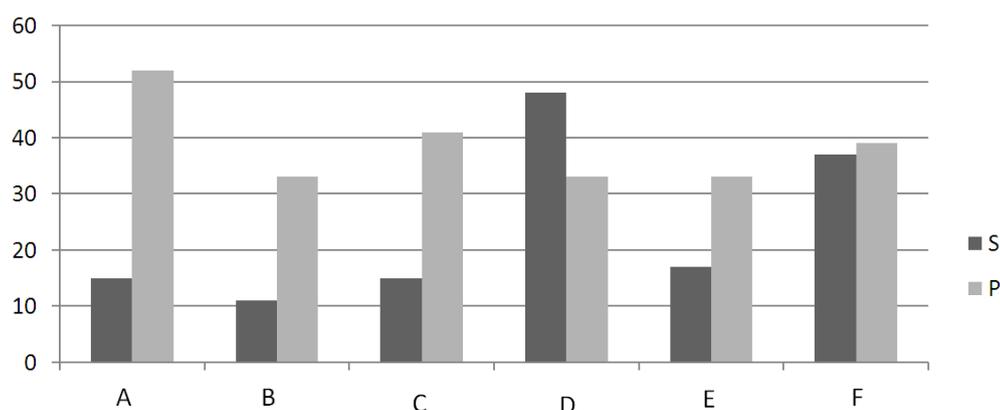


Figura 1: *Frequência de critérios S (atendidos) e P (parcialmente atendidos)*

É possível verificar que os LIAPs que obtiveram um maior número de critérios atendidos na avaliação são os LIAPs *D* (48%) e *F* (37%). Em contrapartida, o LIAP que obteve o menor desempenho nas avaliações foi o livro *E*, com 50% de critérios não satisfeitos.

Por meio da análise da questão aberta, que propunha aos juízes tecer comentários sobre as obras avaliadas, foi possível perceber que, de uma forma geral, os avaliadores indicaram pontos positivos e pontos falhos nos LIAPs como destaca a Tabela 2.

Tabela 2

Síntese dos comentários dos avaliadores sobre os LIAPs

<i>A</i>	<i>B</i>	<i>C</i>	<i>D</i>	<i>E</i>	<i>F</i>
Agradável, de fácil compreensão. Mais útil para crianças pequenas. Faltam informações para prevenção	Muitas metáforas, de difícil compreensão	Lúdico e atrativo, de fácil leitura e compreensão	Lúdico, atrativo, com informações importantes para prevenção	Muito longo, com muitas palavras de difícil compreensão. Interessante uso da palavra “mão” para falar do abuso de maneira sutil. Situação do abuso revelado aos poucos	Foco na anatomia do corpo, atraente, de fácil compreensão. Não apresenta questão da denúncia, a não culpabilização da vítima, a não existência de perfil de agressores, a questão do segredo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a avaliação das análises dos juízes foi possível observar que todos os títulos avaliados indicam potencial para prevenção do abuso sexual infantil, pois apresentam informações importantes para auxiliar crianças a se protegerem do abuso sexual. Embora nenhum livro tenha apresentado 100% dos critérios propostos, dentre os livros analisados, o livro *D* apresentou o melhor desempenho (maior número de critérios atendidos) em comparação aos outros títulos avaliados.

Apesar da pouca adesão por parte dos juízes, o estudo é pioneiro na área em nosso país e, pode representar um impacto positivo para programas preventivos futuros. A análise desses LIAPs pode ser também um ponto de partida para auxiliar profissionais que trabalham com projetos de prevenção ou aqueles que pretendem iniciar nesse caminho, a identificar quais títulos atendem melhor aos objetivos dos projetos que pretendem desenvolver, aumentando assim a probabilidade de sucesso das intervenções, bem como construir/elaborar novos materiais, ou aperfeiçoar os já existentes. É importante afirmar ainda, que o livro é apenas um instrumento auxiliar dentro de programas com esta finalidade; para que haja excelência nas intervenções, é preciso

combinar várias estratégias, associando vídeos, músicas, jogos e brincadeiras ao livro escolhido.

A presente análise é também de grande importância aos autores dos títulos analisados, pois fornece subsídios que permitem verificar onde estão os pontos fortes e as deficiências de cada LIAP, sendo uma ferramenta importante para que os mesmos promovam modificações nas próximas edições dos livros, o mesmo valendo aos autores que pretendem escrever sobre o assunto. É necessário considerar ainda, que é muito difícil encontrar um livro que possa contemplar 100% dos critérios mencionados sem perder sua atratividade, o que é também um aspecto muito importante em se tratando de literatura infantil.

Cabe ressaltar, que as análises realizadas não tiveram a intenção de verificar um título melhor ou pior. As avaliações demonstram que nenhum título obteve um desempenho considerado ruim, portanto, nenhum livro pode ser descartado como não sendo importante para a prevenção. Afinal, como já foi mencionado, não é recomendado que os programas de prevenção se utilizem de uma única estratégia de aprendizagem. Assim, todos os livros e não apenas aqueles com desempenho mais baixo, ao serem utilizados, devem ser acompanhados de estratégias de aprendizagem que possam suprir seus pontos falhos.

É importante lembrar, que este artigo não pretende esgotar as discussões sobre o assunto, e sim, ser um ponto de partida para novas discussões, análises e estudos sobre os LIAPs, como por exemplo analisar como os ofensores são representados nessas obras, como as vítimas são representadas, como são apresentados atos abusivos em si, dentre outros.

REFERÊNCIAS

- Arcari, C. (2013). *Pipo e Fifi: Prevenção de violência sexual na infância*. Acessado em 20 de setembro de 2013. <http://www.pipoefifi.org.br/home.html>
- Barros, O. (2011). *Segredo segredíssimo*. São Paulo: Geração Editorial.
- Caldin, C. F. (2002). A oralidade e a escritura na literatura infantil: Referencial teórico para a hora do conto. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 7(13), 25-38.
- Ferreira, H.M. (2012). *Antônio*. Rio de Janeiro: Escrita Fina.
- Finkelhor, D. (1991). Child sexual abuse. In: Rosenberg, M. L. & Fenley, M. A. *Violence in America: A public health approach*. (pp. 79-94). New York: Oxford University Press.
- Kenny, M. C. & Wurtele, S. K. (2010). Children's abilities to recognize a "good" person as a potential perpetrator of childhood sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 34, 490-495.
- Lampert, J. & Walsh, K. (2010). 'Keep telling them until someone listens': understanding prevention concepts in children's picture books dealing with child sexual abuse. *Children's Literature in Education*, 41(2), 146-167.
- McDaniel, C. (2001). Children's literature as prevention of child sexual abuse. *Children's Literature in Education*, 32(3), 203-224.
- Padilha, M. G. & Williams, L. C. (2007). Intervenção escolar para prevenção do abuso sexual com estudantes pré-adolescentes e adolescentes. Em: L. C. Williams, & E. A. Araújo, *Prevenção ao abuso sexual infantil: um enfoque interdisciplinar* (128-135). Curitiba: Juruá.

Silva, A.R.S; Soma, S.M.P &Watarai, C.F. (2011). *O segredo da Tartanina: Um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil*. Pompéia: UDF.

Siquinel, C. B. (2010). *Chapeuzinho Cor-de-rosa e a astúcia do Lobo Mau*. Rio de Janeiro: LITTRIS.

Soma, S. M. P. & Williams, L. C. A. (No prelo). Histórias como ferramenta para a prevenção do abuso sexual infant-juvenil. *Temas em Psicologia*.

Zak, P.(2013). How Stories Change the Brain. *Greater Good: The science of a Meaningful Life*. Recuperado em 15 de dezembro de 2013, de http://greatergood.berkeley.edu/article/item/how_stories_change_brain.

ARTIGO 3

Contaçon de histórias como estratégia de prevenção do abuso sexual infantil

Sheila Maria Prado Soma
Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Soma, S. M. P.; Williams, L. C. A. (em preparo). Contaçon de histórias como estratégia de prevenção do abuso sexual infantil. Versão preliminar de artigo a ser submetido.

RESUMO

Uma das consequências do abuso sexual é que as crianças vítimas geralmente apresentam dificuldades em discriminar a diferença entre o que é um ato agressivo e um ato cooperativo, não conseguindo agir de forma adequada frente a essas situações. Uma estratégia dos programas de prevenção ao abuso sexual infantil é a utilização de livros infantis. O presente estudo avaliou a eficácia da contação de história como meio para aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ribeirão Preto. De maneira específica, pretendeu-se verificar se a contação da história *de um livro* especialmente elaborado para a prevenção do abuso sexual infantil, poderia promover, de forma substancial, a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual infantil, em comparação a outro livro infantil de prevenção não específico à violência sexual infantil ou a um grupo que não participou de qualquer tipo de contação. O instrumento de pesquisa utilizado foi o *Teste de Situações Condicionais (TSC)*. O estudo foi realizado com 33 crianças de 7 a 9 anos divididas em três grupos, sendo dois experimentais (GE1-livro sobre abuso sexual e GE2- livro não específico sobre abuso sexual) e um Grupo Controle (GC – sem livro). Como resultado observou-se que as crianças que participaram das intervenções no GE1 obtiveram um melhor desempenho geral em comparação às médias dos outros grupos apresentando significância estatística na habilidade de relatar o fato ocorrido a uma pessoa de confiança.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil, contação de histórias, prevenção, habilidades autoprotetivas

ABSTRACT

One of the consequences of sexual abuse is that child victims often have difficulty discriminating the difference between an aggressive act and a cooperative act failing to act appropriately way when facing these situations. A strategy of prevention of child sexual abuse in these programs is the use of children's books, which refers to purpose of this study to evaluate the effectiveness of storytelling as a means to acquire skills of self-protection against child sexual abuse in the 2nd year of elementary school. Specifically, we sought to determine whether reading the story of a book specially designed for the prevention of child sexual abuse, can promote substantially, the acquisition of skills of self-protection against child sexual abuse, other children's book prevention not specific to child sexual abuse or a group that did not participated in any kind of reading. The research instrument used is the *Teste de Situações Condicionais (TSC)*, a translation and adaptation of the authors WIST III -R (What If Situation Test). The study was conducted with 33 children aged 7 to 9 years old divided into three groups: two experimental (EG1 and EG2) and control group (CG). As a result it is observed that children who participated in the intervention group GE2 had better general performance compared to the other groups showing statistical significance in the ability to report it to someone you trust.

Key words: Child sexual abuse, storytelling, prevention, self-protective skills.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

Um dos contextos atuais em que o trabalho preventivo vem apresentando bons resultados é na área da violência contra a criança e adolescente, especificamente o abuso sexual. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) este fenômeno tornou-se um caso de saúde pública, necessitando de medidas de enfrentamento em todos os níveis: Familiar, Social, Saúde, Educação, Político e Judicial (WHO, 2002).

Entretanto, apesar de serem números alarmantes, pois tratam somente dos casos notificados. Portanto, há poucas notificações de casos devido ao complô do silêncio vivenciado pelas vítimas, decorrentes de sentimentos de culpa, vergonha, medo e tolerância, o que faz com que os casos notificados não representem a realidade do problema (Azevedo, 2007; Padilha & Gomide, 2004).

O abuso sexual acontece, na maioria dos casos, no ambiente familiar ou no círculo de relações da criança e as meninas são mais frequentemente vítimas do que os meninos (Finkelhor, 1994). O ofensor sexual geralmente é do sexo masculino, não é violento, sendo uma pessoa da confiança da criança e da família, sua atuação é permeada por seduções, ameaças e geração de sentimentos de medo, culpa e segredos (Williams, 2012).

Dados de uma pesquisa realizada com 91 ofensores sexuais condenados, identificou que os mesmos usavam diversas formas para se aproximar das vítimas, utilizando-se de brincadeiras, cercando-as de cuidados, ganhando a sua confiança e da família, demonstrando afeto e sendo compreensivos. Todavia, eles também se utilizavam de coerção, persuasão e apresentavam o abuso como sendo um jogo ou uma forma de educação para a criança (Eliot, Browne & Kicoyne, 1995).

Os ofensores sexuais têm preferência pelas crianças com autoestima baixa, inseguras e que necessitam ser cuidadas (Veltman & Browne, 2001). As falhas ou o não provimento de condições básicas para o desenvolvimento infantil produzem o sentimento de baixa autoestima, que faz com que as crianças estejam suscetíveis a condições de sujeição e condicionamento amplamente exploradas pelos ofensores (Padilha & Williams, 2009).

Os indivíduos que são mais vulneráveis aos riscos de abuso são aqueles em que os membros familiares não têm a capacidade de discriminar situações potencialmente perigosas dentro ou fora de suas casas, e ainda apresentam características pessoais que favorecem a autoexposição ao risco e sentimentos de menos valia por parte da criança (Padilha & Gomide, 2004). Em contrapartida, as crianças que tem boa autoestima e habilidades de resolução de problemas estão menos propensas a se engajarem em situações de abuso e exploração sexual (Padilha & Williams, 2009).

As situações de abuso sexual podem causar inúmeros sintomas e patologias em suas vítimas. As crianças e adolescentes que sofreram abusos sexuais estão mais propensos a desenvolverem problemas psicológicos e interpessoais do que aquelas que não vivenciaram este tipo de situação. Dentre os sintomas, é possível destacar os comportamentos e brincadeiras sexualizadas, manipulação dos órgãos sexuais de forma exacerbada, curiosidades sexuais inapropriadas para a idade ou qualquer mudança súbita de comportamento, além de outros sintomas como ansiedade, depressão, isolamento e queixas somáticas. A todos estes sintomas, somam-se os traumas emocionais causados pela violação sofrida e na maioria das vezes o violador é uma pessoa próxima e que possui vínculos afetivos com a criança (Duarte & Arboleda, 2005; Williams, 2009).

As crianças vítimas de abuso sexual apresentam dificuldades em discriminar as manifestações afetivas; elas não conseguem perceber a diferença entre o que é um ato agressivo e um ato cooperativo; além do que, não conseguem agir de forma adequada frente a estas situações. Portanto, aprender a identificar riscos deve ser um dos objetivos principais dos programas de prevenção (Caminha, 2002; Wolfe, 2006).

A preocupação com a prevenção e implementação de programas preventivos em relação ao abuso sexual teve início na década de 80, em países como Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia e Austrália, (Sanderson, 2005, Tutty, 1997).

Estas iniciativas eram baseadas em programas desenvolvidos nas escolas infantis como parte dos currículos, e emergiram a partir dos movimentos feministas e da luta pelos direitos das crianças em tais países. A partir destas primeiras iniciativas, foi promovida a noção de que o silêncio e a impotência diante desses casos protegem os autores da violência e não as vítimas. Esses programas eram estruturados para capacitar as crianças a se proteger do abuso sexual, evitarem situações de risco e relatar o ocorrido a um adulto de confiança, além de conscientizar e ensinar pais e comunidades a ter atitudes protetivas. No Brasil, a preocupação com a prevenção data da década de 90, com o previsto na Constituição Federal (1988), surge no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), inspirado na Convenção Internacional dos Direitos da Criança (Lampert & Walsh, 2010; Williams, Padilha & Brino, 2013).

A partir de então, os programas de prevenção começaram a ser avaliados e planejados de acordo com abordagens universais, com a finalidade, além da obtenção de informações, também de promover mudanças nas políticas públicas. Uma pesquisa realizada por Brown, Cohen, Johnson e Salzinger (1998) sugere que em situações nas quais não há a presença de fatores de risco, há uma chance de 1% de ocorrer uma situação de abuso sexual; mas se houver quatro ou mais fatores de risco, a prevalência

do abuso sobe para 33%. Portanto, é de extrema importância ensinar crianças a reconhecerem os fatores de risco para abuso sexual, bem como orientá-las a respeito do que podem fazer quando esses fatores estiverem presentes. A identificação dos riscos traz grandes benefícios, pois fará com que as estratégias de prevenção, possam além de tudo, diminuir os impactos do abuso caso ele venha ocorrer (Padilha & Williams, 2009).

Os programas preventivos de abuso sexual direcionados à criança devem ter três objetivos: a) ajudá-las a reconhecer potenciais situações abusivas ou ofensores em potencial; b) ensiná-las a resistir (“dizer não”) e retirar-se da presença do ofensor; e c) incentivá-las a denunciar abusos (anteriores ou atuais) a uma figura de autoridade e de confiança, enfatizando os três “Rs” – reconhecer, resistir e relatar (Wurtele, 2008).

Cabe ressaltar, que para cada uma das habilidades previstas (Reconhecer, Resistir e Relatar) há um repertório de habilidades sociais que, quando desenvolvido, pode auxiliar a criança a se proteger diante da possibilidade de um abuso. Essas habilidades sociais são comuns na infância e estão relacionadas com as habilidades protetivas. Para a habilidade de reconhecer é preciso que a criança consiga identificar uma aproximação inapropriada de um adulto, que consiga reconhecer os riscos que envolvem essa aproximação e, para tanto, ela precisa ter autocontrole, empatia e expressividade emocional. Para a habilidade de Resistir, a criança precisa saber dizer não às induções do adulto ofensor, por isso precisa ter desenvolvidas as habilidades de civilidade e assertividade. Para a habilidade de Relatar, é preciso que a criança consiga identificar em seu círculo social, pessoas em quem possa confiar, assim, é preciso ser hábil em fazer amizades, ter autocontrole, expressividade emocional e assertividade. Adicionalmente, as três habilidades autoprotetivas envolvem a habilidade de resolução de problemas para que a criança consiga sair da situação rapidamente (Del Prete & Del Prete, 2005; Padilha & Williams, 2009).

O Brasil tem experiência em programas de prevenção ao abuso sexual infanto-juvenil como por exemplo o programa para a prevenção primária ao abuso sexual infanto-juvenil direcionado a professores, profissionais e adolescentes realizados no ambiente escolar (Brino & Williams, 2009) e o programa de intervenção escolar para prevenção do abuso sexual realizado com pré-adolescentes e adolescentes (Padilha & Williams, 2009). A importância de tais programas reside no fato de que uma das principais funções da escola é a formação da cidadania plena, sendo na escola que as crianças e adolescentes passam boa parte do seu tempo.

Esses programas devem englobar modelagem e ensaios comportamentais a fim de assegurar a aquisição de habilidades e auxiliar que as mesmas continuem sendo eficazes ao longo do tempo (Finkelhor, 2009; Goicochea, 2001; Wolfe, 2006). Dentre as estratégias que podem ser utilizadas nos programas preventivos, há a utilização de literatura infantil de abordagem preventiva (LIAPs) (Flores & Caminha, 1994; Soma & Williams, no prelo).

Contudo, apesar de existirem livros produzidos no Brasil que abordam o tema abuso sexual diretamente para crianças, há poucos estudos que abordem esse tema. Um estudo de análise do conteúdo desses livros foi realizado por Soma e Williams (em preparo) com o objetivo de verificar o potencial preventivo desses materiais. Como resultado, o estudo aponta a porcentagem de critérios atendidos (S), critérios atendidos de forma parcial (P) e critérios não atendidos (N) pelos livros, no qual concluiu-se que o livro com maior potencial para prevenção foi *O Segredo da Tartarina* (Silva, Soma e Watarai, 2011) que apresentou 48%(S), 33%(P) e 19%(N).

Quando se trabalha com livros infantis, é preciso compreender que há diversas maneiras de as crianças terem acesso aos conteúdos dos mesmos. Assim, cabe neste ponto realizar a diferenciação entre contação de histórias e a leitura. A primeira refere-

se à literatura oral onde há a interação entre um contador/locutor e um leitor/ouvinte, onde o locutor transmite de forma oral uma história, que pode ser inventada por ele ou lida através de um texto escrito. A segunda refere-se a interação entre o leitor e o texto escrito, sem interferência de uma terceira pessoa. Na contação, o relato oral dá vida ao texto escrito, voz e expressão aos personagens, a interpretação do locutor promove uma ponte entre o leitor e a história. Na leitura escrita, é o próprio leitor que confere sentido e interpretação ao texto lido (Caldin, 1998).

Assim, a contação apresenta vantagens em relação à leitura, pois o locutor condiciona o ouvinte ao entendimento, o que não acontece na leitura. Ademais, o comportamento do contador provoca modificações no comportamento do ouvinte, ou seja, os efeitos da história no comportamento do ouvinte vão depender de como se dá a interação entre ele e o contador. Dentre os comportamentos do contador que favorecem a modificação do comportamento do ouvinte, no contexto da contação de história, é o comportamento de oferecer explicações, definir e explicar, conversar. Estes comportamentos, podem promover mudanças significativas no comportamento do ouvinte (Caldin, 1998; Flores, Santosa, Amadeua & Diasb, 2013)

A falta de pesquisas sobre LIAPs não se restringe apenas ao Brasil (Soma e Williams, no prelo), assim o presente estudo pretende contribuir com esta lacuna tendo como objetivo avaliar a eficácia da contação de história como meio para a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças. De forma específica, verificar se um livro específico sobre a prevenção do abuso sexual infantil (Silva, Soma & Watarai, 2011), pode promover de forma substancial a aquisição de habilidades de autoproteção contra tal tipo de abuso em crianças em comparação a três situações: a) contação da história do *O Segredo da Tartanina* (Silva, Soma & Watarai, 2011); b) contação de história de um segundo livro infantil *A Terra dos bons pensamentos*

(Williams, 2010), desenvolvido para prevenir conflitos violentos, dentre outras habilidades, porém não voltado para abuso sexual; e c) re-exposição da criança ao instrumento sem a leitura de qualquer livro, ou seja, apenas com a passagem do tempo.

MÉTODO

Participantes

Trinta e três crianças com idade entre 7 e 10 anos que frequentavam o 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual no município de Ribeirão Preto, São Paulo, cujos pais assinaram o TCLE e que não faltaram em nenhuma das fases da intervenção.

Instrumentos e materiais

O instrumento *What If Situation Test* (WIST III-R) (Wurtele, Hughes & Owens, 1998) foi utilizado para avaliar a eficácia da contação de histórias de forma a prevenir o abuso sexual em crianças. Tal instrumento contém seis escalas compostas por situações perguntando como a criança procederia diante das mesmas. O objetivo do instrumento é avaliar as habilidades das crianças para reconhecer, resistir e relatar situações de abuso sexual. O *WIST III-R* foi planejado para ser lido em entrevista individual e apresenta confiabilidade interna de teste e reteste das seis escalas de acordo com os padrões de pesquisa (Alfa de Cronbach de .75 a .90 e Coeficiente de Pearson de .60 a .84), bem como de consistência interna e estabilidade temporal (Wurtele, Hughes & Owens, 1998).

Um estudo realizado por Barros, Williams e Brino (2008) utilizou o *WIST III-R* na realidade brasileira para verificar as habilidades de proteção acerca do abuso sexual em

mulheres com deficiência mental. Na ocasião os autores do instrumento autorizaram a tradução para a Língua Portuguesa para efeitos de pesquisa e o *WIST III-R* foi intitulado *Teste de Situações 'E se'*. Como Barros, Williams e Brino (2008) realizaram uma adequação do instrumento para a população de mulheres com deficiência intelectual, foi realizada pelas autoras do presente estudo uma nova tradução e adequação para a língua Portuguesa e o instrumento passou a se chamar *Teste de Situações Condicionais (TSC)* (Anexo 1).

A nova versão em português foi enviada para três juízes especialistas em abuso sexual e desenvolvimento infantil que propuseram adequações (troca das expressões “pessoa adulta” por “gente grande”; “um jogo realmente muito divertido” por “um jogo divertido”; “pouco tempo” por “um tempinho”; “machucado” acrescentou-se “machucado (dodói)”; “sem roupa” pela palavra “pelado”). Em seguida, um estudo piloto foi realizado com três crianças a fim de verificar a potencialidade de utilização do instrumento em relação às propostas deste estudo e o mesmo foi considerado apto para a coleta de dados.

O *Protocolo para observação das atividades práticas com familiares e crianças* (Anexo 2) foi utilizado com a finalidade de avaliar quatro categorias durante as intervenções: 1) os conteúdos propostos; 2) a adequação dos conteúdos; 3) adequação das atividades realizadas e; 4) adequação da linguagem utilizada durante o processo de intervenção descrito (Brino & Williams, 2009)

Adicionalmente, para a realização do estudo foram utilizados os seguintes livros:

- 1) Um livro sobre o tema “abuso sexual”(Silva, Soma, Watarai, 2011). O livro relata a história de uma pequena tartaruga que sofre uma agressão sexual por um polvo que é pai de um amiguinho. Dentre as Literaturas Infantis de Abordagem Preventiva (LIAP) publicadas por autores brasileiros sobre abuso sexual, *O Segredo da*

Tartarina foi escolhido para o presente estudo pois apresentou 81% dos 27 critérios propostos em estudo realizado por Soma e Williams (em preparo) em comparação com outros títulos (sendo 48% de critérios atendidos e 33% de critérios parcialmente atendidos).

- 2) Livro com tema diverso ao abuso sexual, mas que promove atividades preventivas de resolução de conflitos, depressão infantil e preservação do meio ambiente (Williams, 2010). Tal livro narra a história de dois povos imaginários, os Luz e os Babalus que precisam resolver um conflito que ameaça o bem estar da comunidade, não mencionando o fenômeno do abuso sexual.

É importante ressaltar que nenhum professor teve acesso ao conteúdo do instrumento, tampouco aos livros utilizados nas intervenções. Foram informados apenas de que se tratava de um projeto de prevenção ao abuso sexual infantil que foi especialmente preparado de forma a não expor as crianças a conteúdos inadequados, além do que, as mesmas tinham a opção de não participar das atividades se assim desejassem.

PROCEDIMENTO

Inicialmente foi realizada uma reunião com a Direção e Coordenação de uma Escola Estadual no município de Ribeirão Preto para expor os objetivos da pesquisa, sendo assinado um termo de compromisso (Anexo 3) autorizando a realização da intervenção nas dependências da escola, junto às três turmas do 2º ano do Ensino Fundamental sendo: duas do período matutino e uma do período vespertino.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos sob o parecer nº 290.913 (Anexo 4), foi realizada uma reunião com os

pais/responsáveis das crianças para convidá-los a autorizar a participação de seus/suas filhos(as) na pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 5). Como na ocasião da reunião, cerca de 90% dos pais/responsáveis deixou de comparecer, o TCLE também foi enviado às suas residências. A intervenção teve início após recolhidos todos os TCLEs autorizando a participação das crianças.

O procedimento de intervenção se deu com três grupos, dois experimentais (GE1 e GE2) e um Controle (GC) onde G1 realizou a intervenção livro específico sobre abuso sexual infantil, G2 realizou intervenção com livro não específico sobre abuso sexual infantil e GC não participou de intervenção com nenhum livro. Por controle experimental, o GC foi composto por 8 crianças (sendo 5 meninos e 3 meninas) que estudavam no 2º ano C no período vespertino e, assim, não teriam contato com as crianças que participariam das intervenções no período matutino, diminuindo a possibilidade de contaminação dos dados obtidos. O GE1 (composto por 11 crianças – 8 meninos e 6 meninas) e GE2 (composto por 14 crianças - 7 meninos e 4 meninas) foram mesclados de forma randomizada entre as crianças do 2º ano A e 2º ano B no período matutino.

Para garantir a fidedignidade dos dados coletados sete alunas do curso de Pedagogia do Grupo Educacional UNIESP (União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privado), de Ribeirão Preto-SP, participaram do procedimento como auxiliares de pesquisa, realizando as atividades de aplicação do instrumento, intervenção com as histórias e tabulação dos dados.

Nenhum dos auxiliares de pesquisa recebeu orientações prévias a respeito da problemática do abuso sexual, detalhes do objetivo e metodologia da pesquisa, ou sobre o material que iria utilizar para a intervenção a fim de que não houvesse interferência ou

direcionamento específico por parte deles para os sujeitos da pesquisa. Entretanto, as auxiliares de pesquisa que contaram as histórias receberam treinamento anterior ao estudo sobre como narrar uma história, realizado em curso oferecido pela universidade na qual realizavam sua graduação. Um auxiliar de pesquisa realizou a contação nos dois grupos experimentais a fim de garantir que as histórias fossem contadas pela mesma pessoa para os dois grupos. Durante o processo de intervenção, a primeira autora permaneceu nas dependências da escola acompanhando o processo. O procedimento de intervenção se deu em 5 etapas conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - *Procedimento de Intervenção do Estudo*

	ETAPA 1	ETAPA 2	ETAPA 3	ETAPA 4	ETAPA 5
	Pré-teste	Contação de histórias	Pós-teste	Follow-up	Intervenção com demais grupos
GE1	TSC*	<i>O Segredo da Tartanina</i>	TSC*	TSC*	-
GE2	TSC*	<i>A Terra dos Bons Pensamentos</i>	TSC*	TSC*	<i>O Segredo da Tartanina</i>
GC	TSC*	-	TSC*	TSC*	<i>O Segredo da Tartanina</i>

* TSC: Teste de Situações Condicionais (intervenção com o instrumento)

A Etapa 1 correspondeu à fase do pré-teste, no qual as crianças dos três grupos responderam ao TSC em entrevista individual. Para tanto, elas eram conduzidas individualmente a uma sala previamente preparada e entrevistadas pelas auxiliares de pesquisa de acordo com as instruções do instrumento. Ao final da entrevista, as crianças eram reconduzidas à sua sala de aula.

A a Etapa 2 que consistiu em oficinas de contação de histórias, nas quais o GE1 participou da contação com o livro *O Segredo da Tartanina* e o GE2 participou da contação com o livro *A Terra dos bons pensamentos*.

Para a realização da oficina, as crianças de cada um dos grupos foram conduzidas em conjunto para a sala da contação que era composta de três mesas em formato circular com quatro cadeiras. As crianças eram convidadas a se sentar da forma como quisessem, havendo um armário que fazia parte do mobiliário da sala, onde foi instalado o equipamento de vídeo para registrar a intervenção. Na sala de intervenção estavam presentes três auxiliares de pesquisa e a primeira autora do estudo, sendo que cada uma tinha uma função específica: a) uma auxiliar tinha a função de contar as histórias; b) uma auxiliar tinha a função de registrar os acontecimentos durante a intervenção; c) uma auxiliar tinha a função de percorrer as mesas mostrando o livro para as crianças acompanharem a história lida e d) a primeira autora com a função de monitorar o equipamento de vídeo.

Para a realização da leitura do livro *O Segredo da Tartanina*, as crianças foram conduzidas em grupo pelas auxiliares de pesquisa para a sala de contação. Foram instruídas a sentar-se no lugar que quisessem, pois escutariam uma história e que poderiam participar fazendo desenhos nos momentos em que fossem autorizadas. Enquanto contava a história, uma segunda auxiliar ia mostrando as páginas correspondentes às crianças que viam as figuras e faziam comentários. Nos momentos indicados no livro, as crianças eram convidadas a fazerem os desenhos propostos. Foram disponibilizados giz de cera e cópias das páginas do livro que correspondiam às intervenções com os desenhos. Após o final das atividades as crianças foram conduzidas para suas respectivas salas de aula.

Para participar da contação da história *A terra dos bons pensamentos*, as crianças foram conduzidas em grupo pelas auxiliares de pesquisa para a sala de intervenção. Ao chegarem foram instruídas a se sentarem em grupos da forma como quisessem, pois iriam escutar uma história. A contação da história foi conduzida pela mesma auxiliar de

pesquisa que conduziu a história no GE1. À medida que a contadora lia o livro, uma auxiliar de pesquisa passava pelas mesas mostrando a página correspondente para as crianças que participavam. As crianças olhavam as figuras e comentavam entre si sobre os desenhos e sobre a história. Ao final da contação as crianças eram reconduzidas em grupo para suas salas de aula.

No pós-teste, as auxiliares de pesquisa voltaram à escola e aplicaram novamente o TSC com cada uma das crianças que participou das intervenções, bem como com o GC, seguindo os mesmos procedimentos realizados no pré-teste. A Etapa 4 correspondeu ao follow-up e aconteceu da mesma maneira como no pré e pós-teste para os três grupos.

A Etapa 5 consistiu em realizar uma contação de histórias com o livro *O Segredo da Tartanina* com as crianças do GE2 e do GC, a fim de garantir que todas as crianças participantes pudessem ter acesso ao conteúdo do livro específico sobre abuso sexual.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos resultados foram atribuídas pontuações para as respostas dadas pelas crianças de acordo com a guia de pontuação do instrumento. O instrumento utilizado no presente estudo avalia as habilidades de Reconhecer, Resistir e Relatar de acordo com seis cenas. As cenas 1, 2 e 6 são consideradas apropriadas, pois apresentam situações nas quais não haveria problemas se a criança permitisse que alguém tocasse suas partes íntimas (ex: médico, enfermeira ou pais tocarem nas partes íntimas da criança para verificar um machucado ou administrar alguma medicação).

Após a apresentação da situação, uma pergunta era feita à criança como, por exemplo: “*Tudo bem para você se...(médico, enfermeira ou pais tocarem nas suas partes íntimas para verificar um machucado ou administrar alguma medicação)*”. Nesses casos,

uma resposta apropriada seria SIM, sendo atribuído 1 ponto. Ainda avaliando a habilidade de Reconhecer, são apresentadas às crianças outras três situações (Cenas 3, 4 e 5) que são consideradas inadequadas por representarem risco à criança (ex: um vizinho querendo tirar fotos da criança sem roupa, uma babá querendo que a criança toque nas partes íntimas dela e um homem conhecido querendo tocar nas partes íntimas da criança e dar-lhe um sorvete). Nesses casos são atribuídos 2 pontos quando a criança responde NÃO, e nenhum ponto para as respostas SIM e NÃO SEI quando questionada se “*Tudo bem pra você se... (um vizinho quisesse tirar fotos suas sem roupa, sua babá quisesse que a tocasse nas partes íntimas dela para você assistir seu programa favorito e se um homem de quem você gosta quisesse tocar nas suas partes íntimas e te dar um sorvete)*”. Para a habilidade de Reconhecer, a pontuação máxima a ser atingida são 6 pontos.

Para a habilidade de Resistir, nas cenas 3, 4 e 5 são realizadas duas perguntas para a criança:

a) *O que você diria para o(a)...(para o vizinho, para a babá e para o homem)*, nesse caso a criança pode atingir 2 pontos para uma *recusa definitiva* (ex: “*Não, eu não quero*”; “*Não!*”, “*Eu não vou deixar você me tocar*”, “*Não quero que você me toque*”, “*Não vou tocar em você*”); 1 ponto para uma *recusa cautelosa* (ex: “*Eu não posso*”; “*Vá embora*”; “*Eu vou contar para minha mãe*”; “*Minha mãe está me chamando*”; “*Eu não quero sorvete*”; “*Minha mãe não deixa*”) e nenhum ponto para uma *não recusa* (ex: a criança não diria nada, a criança se engajaria na situação abusiva, a criança não sabe o que dizer).

b) *O que você faria?*, a criança pode atingir 2 pontos para uma *recusa/fuga definitiva* (ex: “*eu sairia correndo*”; “*eu voltava para casa*”; “*eu iria embora*”; “*eu iria chamar a minha mãe*”; “*eu entraria no meu quarto e ia dormir(situação da babá)*;

1 ponto para uma *recusa/fuga vaga* (ex: “*eu ia continuar brincando*”; “*eu ia tomar o sorvete mas não ia deixar ele me tocar*”; “*eu ia ver meu programa favorito na TV, mas não ia tocar nela*”) e nenhum ponto para uma *não recusa/fuga* (ex: “*eu não ia fazer nada*”; “*eu ia tocar nela*”; “*eu não sei*”).

Para a habilidade de Resistir, a criança pode atingir uma pontuação máxima de 12 pontos, sendo que nenhum ponto é computado em relação às cenas 1, 2 e 6. Para a avaliar a habilidade de Relatar, são realizadas duas perguntas nas cenas 3, 4 e 5:

a) *Você contaria o que aconteceu para alguém? Para quem contaria?* Se a criança disser o nome de duas ou mais pessoas, ela atinge 2 pontos; se a criança indicar apenas uma pessoa, tem 1 ponto e se não indicar ninguém ou não contar a ninguém, não pontua.

b) *O que você diria para a pessoa citada?* Se a resposta da criança envolver o ofensor e a situação ocorrida pode atingir 2 pontos; se envolver o ofensor ou a situação, atinge 1 ponto; se responder nada, não pontua. O total de pontos para a habilidade de Relatar é 12 e as cenas 1, 2 e 6 não são pontuadas.

Os resultados foram analisados realizando-se análise descritiva ou exploratória, que proporcionou uma visão do comportamento geral do banco de dados em relação ao objetivo principal do estudo. A análise qualitativa dos dados foi realizada com base em registros de acordo com o *Protocolo para observação das atividades práticas com familiares e crianças* (Brino & Williams, 2009).

RESULTADOS

Dado que as observações foram obtidas a partir das mesmas unidades experimentais e em diferentes períodos de tempo, configura-se assim um caso de

medidas repetidas testando-se a igualdade de médias a fim de obter por meio de testes paramétricos (Anova) e não-paramétricos de amostras independentes de forma a obter uma estatística ajustada para o efeito de tempo (Johnson & Wichern, 2008).

A Tabela 2 representa a comparação entre as médias de variações dos escores total de cada participante por grupo nos três períodos da intervenção, e aponta que houve significância estatística (0,27) entre o GC e GE1. Assim, é possível afirmar que houve melhora no desempenho das crianças do GE1 ao longo do tempo e em comparação com os grupos GC e GE2, nos quais as associações não apresentaram significância estatística.

Tabela 2: *Média de variação dos desempenhos totais entre os grupos nos períodos de tempo*

	R	R Squared
GC * GE1	,164	,027*
GC * GE2	,503	,253
GE1 * GE2	,506	,256

Na Tabela 3 é possível observar as médias e desvios apresentados por cada grupo em cada período e medida analisada, de acordo com escores obtidos em cada uma das habilidades.

Tabela 3 – *Desempenho do grupo ao longo do estudo no teste TSC*

		GC (n = 8)		GE1 (n = 11)		GE2 (n = 14)	
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
RECONHECER	PRÉ	4,88	1,25	5,27	0,90	4,93	1,21
	PÓS	4,88	1,36	4,91	1,22	5,07*	1,14
	FUP	5,13	1,13	5,00	1,00	5,36*	1,74
RESISTIR	PRÉ	8,38	2,56	9,00*	1,84	7,93	2,02
	PÓS	8,25	1,58	9,73*	2,15	8,00	2,08
	FUP	9,50	1,31	8,91*	2,81	7,79	2,94
RELATAR	PRÉ	4,13	4,19	4,45*	5,05	2,43	4,03
	PÓS	2,00	3,25	8,36*	4,82	2,93	3,85
	FUP	4,25	4,86	8,09*	3,21	5,29	5,00

É possível afirmar que em relação às médias apresentadas pelos grupos houve uma melhora de desempenho na habilidade de Reconhecer para o GE2 em relação aos outros dois grupos. Para as habilidades de Resistir e Relatar é possível observar um desempenho melhor para o GE1.

Por meio da Tabela 4 é possível verificar que existe diferença entre os grupos apenas no pós-teste, sendo que o GE1 difere do GC (p-valor = 0,006) e do GE2 (p-valor = 0,007). Em ambos os casos a média do GE1 é superior, pois as diferenças de médias observadas é positiva.

Tabela 4 - *Teste de comparações múltiplas para condição em cada ordem e grupo*

Período	(I) Grupo	(J) Grupo	Diferença de Médias (I-J)	P-Valor
PRÉ	GC	GE1	-0,330	1,000
		GE2	1,696	1,000
	GE1	GC	0,330	1,000
		GE2	2,026	0,796
	GE2	GC	-1,696	1,000
		GE1	-2,026	0,796
PÓS	GC	GE1	-6,364	0,006
		GE2	-0,929	1,000
	GE1	GC	6,364	0,006*
		GE2	5,435	0,007*
	GE2	GC	0,929	1,000
		GE1	-5,435	0,007
FUP	GC	GE1	-3,841	0,219
		GE2	-1,036	1,000
	GE1	GC	3,841	0,219
		GE2	2,805	0,384
	GE2	GC	1,036	1,000
		GE1	-2,805	0,384

Analisando a tabela 5, nota-se que existe diferença entre os períodos apenas para o GE1. As diferenças estão entre o pré e pós-teste (p-valor= 0,12) e entre o pré-teste e *follow-up* (p-valor= 0,073).

Tabela 5 - Teste de comparações múltiplas para período em cada grupo

Grupo	(I) Período	(J) Período	Diferença de Médias (I-J)	P-Valor
GC	PRÉ	PÓS	2,125	0,474
		FUP	-0,125	1,000
	PÓS	PRÉ	-2,125	0,474
		FUP	-2,250	0,514
	FUP	PRÉ	0,125	1,000
		PÓS	2,250	0,514
GE1	PRÉ	PÓS	-3,909	0,012*
		FUP	-3,636	0,073*
	PÓS	PRÉ	3,909	0,012*
		FUP	0,273	1,000
	FUP	PRÉ	3,636	0,073*
		PÓS	-0,273	1,000
GE2	PRÉ	PÓS	-0,500	1,000
		FUP	-2,857	0,132
	PÓS	PRÉ	0,500	1,000
		FUP	-2,357	0,185
	FUP	PRÉ	2,857	0,132
		PÓS	2,357	0,185

Os dados qualitativos obtidos pelo do registro de observações das entrevistas com o TSC, apontaram que as crianças, de forma geral, não apresentaram dificuldades em participar de qualquer etapa das intervenções, exceto pelo desconforto em tratar de assuntos como a sexualidade. Nesses casos, apresentavam respostas comportamentais de rubor no rosto, encolher o corpo, abaixar a cabeça, uma risada “sem graça” e dizer que estava com vergonha. Contudo, no decorrer das intervenções, esses comportamentos diminuíram e já no *follow up* as crianças respondiam às questões do instrumento com naturalidade.

Dados obtidos nas filmagens durante as oficinas de contação de história indicam por meio das falas das crianças que as mesmas sentiram-se confortáveis durante a intervenção com as histórias, não apresentando dificuldades de compreensão das mesmas, nem mesmo em tratar de assuntos relacionados com a sexualidade e abuso sexual. Conforme transcrição dos relatos durante as atividades propostas é possível verificar que as crianças conseguiram relacionar os conteúdos das histórias com seus próprios comportamentos e com fatos de suas vidas e seu dia-a-dia, conforme ilustram os exemplos a seguir:

a) *A terra dos bons pensamentos: “Hahaha! Parece um estilingue gigante”; “Eu estou pensando aqui num skate e num tablet”; “eu queria muito um tablet e a minha mãe me deu um”; “tem que pensar um de cada vez né, senão vai encher a sala”, “eles viviam em harmonia porque eles pensavam bom”; “Credo! Que sujeira, cheio de coisas”; “Eu também adoro cocadas e amendoim também”; “Não dá pra querer todas as coisas né tia”; “Não pode brigar né, tem que ser amigo”; “Se uma pessoa tem uma coisa e a outra não tem, a outra fica com inveja da pessoa que tem”; “Pra não ter inveja, tem que tentar não querer as coisas”; “Se tivesse muitas coisas ia ficar muito apertado”; “Eles resolveram o problema sem briga”; “Tudo que era feliz virou malvado, violência não pode usar”; “É melhor a gente resolver tudo numa conversa”.*

b) *O Segredo da Tartanina: “Olha o peixinho!”; “Veja a tartaruga”; “A tartaruguinha se sentia feliz”; “Se tenho um problema eu fico triste”; “Olha, ela está sem o casco”; “Ela tirou foto sem a roupa dela”; “Ele tirou a roupa dela”; “Ele é mau”; “Eu não deixo ninguém me ver sem roupa”; “Ela está triste”; “Se eu fosse a Tartanina, eu ia ficar triste”; “Quando meu pai chegasse em casa eu contava para ele”; “Eu me sentiria mau e chamaria a polícia, e ele iria agüentar a consequência”; “Ela contou o segredo para a professora”; “Quando a gente tem um segredo triste pra guardar a gente se sente mau”; “Eu vou fazer a Tartanina com o coração partido”.*

Não houve relatos ou revelações de situações de abuso sexual, mas uma criança relatou presenciar a violência íntima do pai contra a mãe e demonstrou sofrimento em seu relato. A direção da escola foi comunicada de tal fato, o que resultou em uma conversa da direção da escola com a mãe, onde a mesma relatou que havia se separado do companheiro, que já havia mudado de cidade.

DISCUSSÃO

A partir dos resultados obtidos, é possível verificar que ao comparar as médias de variação entre o pré, pós-teste e *follow-up* nos três grupos, os dados indicam que houve uma melhora crescente e significativa no desempenho geral para o GE1 em relação aos outros dois grupos. Verifica-se ainda, que apesar de existirem diferenças entre os grupos e períodos nas habilidades Reconhecer e Resistir, as diferenças não foram significativas ao nível de 5% de significância estatística. Contudo, para a habilidade Relatar, observou-se que existem diferenças significativas apenas ao nível de 10%, sendo que as mesmas foram entre o GE1 e Controle (p-valor = 0,006) e GE1 e GE2 (p-valor = 0,007), com maior média do GE1 em ambos os casos. Além disso, notou-se que existe diferença entre os períodos analisados apenas no GE1. Nesse caso, as diferenças estão entre o pré e pós-teste (p-valor = 0,012) e entre o pré-teste e follow-up (p-valor = 0,073), com menor média para o pré-teste. Possivelmente com o aumento da amostra, a diferença em Relatar pode se tornar significativa ao nível de 5%, bem como haver significância estatística para as outras habilidades.

Apesar de não apresentar diferenças significativas do ponto de vista estatístico nas habilidades de Reconhecer e Resistir. As pontuações das crianças em todos os grupos tiveram já no primeiro momento um score total elevado, possivelmente por as mesmas já terem algum conhecimento inicial sobre a temática discutida vindo de alguma fonte, a qual não foi possível avaliar.

Como observado na tabela 2, para a habilidade de Reconhecer, as médias dos três grupos no pré-teste variaram entre 4,88 a 5,27 pontos, o que pode ser considerado um desempenho acima da média para esta habilidade, considerando que a pontuação máxima a ser obtida era de 6 pontos.

Para a habilidade de Resistir, as médias dos três grupos no pré-teste variaram entre 7,93 a 9,00 pontos, o que também pode ser considerado um desempenho acima da média para esta habilidade, considerando que a pontuação máxima a ser obtida foi de 12 pontos. Essa habilidade envolvia duas classes de respostas específicas uma verbal (o que você diria para a pessoa/ofensor?) e uma motora (o que você faria em seguida?). A resposta verbal para ser efetiva, deveria envolver uma recusa definitiva como por exemplo: *“não, eu não quero que você faça isso”* ou *“não, eu não vou fazer isso”*. Contudo, recusas cautelosas também eram pontuadas e representaram a maior parte das respostas emitidas pelas crianças, como por exemplo: *“eu tenho que perguntar para minha mãe primeiro”* ou *“eu quero o sorvete, mas você não pode me tocar”*. As recusas cautelosas, ainda que sejam pontuadas, não garantem que a criança seja habilidosa para sair de uma situação, isso quer dizer que é uma habilidade que ainda precise ser melhor desenvolvida a fim de garantir a proteção de forma definitiva. Um grande número de crianças no pré-teste não emitiriam qualquer resposta motora, e após a intervenção passaram a emitir respostas que refletiam recusas cautelosas. Isso aconteceu no GE2 e em maior incidência no GE1, como pôde ser observado na Tabela 2.

Ao observarmos a habilidade de Relatar, as médias dos três grupos no pré-teste variaram de 2,43 a 5,05 pontos, o que representa bom desempenho para esta habilidade, uma vez que a pontuação máxima a ser obtida era de 12 pontos. Foi a maior variação observada nos grupos, revelando uma significância estatística para o GE2 conforme apontado nas tabelas 4 e 5. A habilidade de Relatar envolve duas classes de comportamentos, o de identificar uma pessoa de confiança e o de contar a essa pessoa algo ruim que lhe tenha acontecido (como por exemplo alguém oferecer um sorvete para tocar suas partes íntimas). Envolve a habilidade de fazer amizades, ter autocontrole, expressividade emocional e assertividade. As respostas das crianças para

essa habilidade envolviam as perguntas: “*você contaria a alguém o que aconteceu? Para quem você contaria?*” e “*o que você diria para essa pessoa?*”.

Avaliando as respostas no pré-teste emitidas pelas crianças para essa habilidade, o GE1 em sua maioria não relataria a qualquer pessoa o ocorrido, como também aconteceu com as crianças dos grupos GE2 e GC. Contudo, no pós-teste e follow-up a maioria das crianças no GE1 relataria o ocorrido a duas ou mais pessoas e diriam exatamente o que aconteceu descrevendo com detalhes. O mesmo não aconteceu com os demais grupos, onde no pós-teste e follow-up prevaleceu a resposta de não contar nada a ninguém.

Embora as três habilidades tenham sido avaliadas separadamente, as mesmas estão interrelacionadas, ou seja, não basta saber reconhecer uma situação abusiva e resistir às investidas de um adulto mal intencionado se a criança não puder, não souber ou não conseguir contar o ocorrido para um adulto de confiança. A criança não tem a responsabilidade, tampouco pode resolver a situação sozinha, e jamais deve ser incentivada para tal. A resolução de um problema como esse, envolve um adulto, que só terá acesso a essa informação se houver um relato. Cabe lembrar aqui também, que o silêncio nesses casos é um dos responsáveis pela perpetuação do abuso sexual, para que o ciclo da violência seja rompido, é preciso primeiro romper o silêncio.

Durante as intervenções não foi possível garantir que a população selecionada estivesse livre de informações a respeito do abuso sexual infantil como apontam os dados qualitativos obtidos através dos relatos das intervenções por meio do *Protocolo para observação das atividades práticas com familiares e crianças* e das entrevistas individuais com o TSC. Esses dados indicaram que durante o período de intervenção, as crianças do GE1 e GE2 conversavam entre si sobre suas respostas, conforme alguns

relatos: *“A minha amiga X, me falou que é muito fácil responder essas perguntas”, “Y, o que você respondeu na pergunta que falava que ia ganhar um sorvete?”*.

Adicionalmente, apesar de solicitações dos pesquisadores de neutralidade sobre o assunto, também é possível que as crianças tenham obtido informações dos professores sobre as possíveis respostas a serem dadas no TSC. Foi possível verificar por meio dos relatos das crianças durante as aplicações do pós-teste e follow-up que as professoras faziam perguntas às crianças sobre conteúdo do instrumento e das histórias, conforme os relatos a seguir: *“a professora me falou que não era para eu ter vergonha, pois os adultos não podem abusar das crianças”, “Eu não fiquei com medo de vir aqui, porque a professora me ajudou a saber o que eu tinha que responder”*; (durante a intervenção com a história) *“quando a tia perguntou o que eu ia fazer se o homem quisesse me ver pelado eu respondi que ia correr e você?”*(conversa no corredor entre duas crianças); *“a professora me perguntou que coisas eu tinha que responder aqui da outra vez, eu falei pra ela e ela disse que estava certinha a minha resposta*; a auxiliar de pesquisa relata que no momento em que foi buscar as crianças para a intervenção com a história a professora falou para os alunos participantes: *“não façam bagunça, e prestem bastante atenção hem! Quando voltarem terão que contar a história para a turma toda”*; relato das preocupações da professora da sala para a pesquisadora após o pré-teste: *“eu quero saber quais perguntas vocês estão fazendo para as crianças, porque elas chegaram na sala assustadas, falando que tiveram que responder coisas sobre sexo. As crianças disseram que não querem mais participar”*; *“eu quero ver o teste que vocês estão utilizando”*. No caso específico dos professores, durante o período de intervenção, foi realizada uma conversa com os mesmos a fim de explicar os objetivos da pesquisa e diminuir a ansiedade dos mesmos.

Situações externas à pesquisa (baixa adesão ao TCLE, constantes faltas às aulas), resultaram numa reestruturação da intervenção e reorganização dos grupos e fizeram com que a intervenção iniciasse apenas após as férias escolares do segundo semestre. Um outro fator que pode ser levantado como limitação da pesquisa, refere-se ao instrumento utilizado. Ele apresenta questões com um nível de dificuldade que pode ser mais apropriado para crianças pequenas, apesar de a classificação envolver crianças de 3 a 8 anos de idade. As cenas representam situações claras de abuso como por exemplo, quando a babá pede expressamente que a criança toque em seus genitais, ou quando o vizinho pede para tirar fotos da criança sem as roupas. Para uma criança de três anos, tal cena é mais útil, devido a seu período peculiar de desenvolvimento cognitivo, no qual a descrição detalhada e clara se faz necessária para a compreensão de sentenças. Para uma criança de 8 anos, fica evidente que tal cena é inadequada, assim sua resposta provavelmente será certa. Uma solução, seria reelaborar tais questões de forma a aumentar o nível de dificuldade, buscar ou construir outro instrumento mais apropriado à faixa dos 6-8 anos, ou ainda utilizar instrumentos complementares que avaliem habilidades sociais por exemplo.

Uma alternativa para estudos futuros, seria a replicação da intervenção em novas condições experimentais, com uma amostra maior de participantes, de escolas diferentes, e com período menor de intervalo entre pré, pós-teste e intervenção, o que poderia diminuir as chances de interferências externas, resultando em melhores desempenhos. Seria interessante chamar os professores para uma apresentação sobre as finalidades da pesquisa, ou ainda selecionar outro tipo de amostra (crianças de escolas diferentes, crianças mais novas, etc.)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que *O Segredo da Tartanina* apresentou desempenho satisfatório para ensinar habilidades protetivas para crianças. Como aponta a literatura, os programas preventivos devem ser realizados com diferentes materiais e estratégias, assim, o livro sendo utilizado em programas desse tipo (acompanhado de outras estratégias como vídeos, brincadeiras, jogos e discussões de temas afetos) pode potencializar a eficácia das intervenções propostas.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, M. A. (2007). *Pesquisando a violência doméstica contra crianças e adolescentes. A Ponta do Iceberg*. Acessado em 15 de abril de 2011 em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lacri/iceberg.htm>.
- Barros R.D., Williams, L.C.A., Brino, R.F. (2008). Habilidades de auto proteção acerca do abuso sexual em mulheres com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 14(1), 93-110.
- Brasil. (1990). *Convenção internacional dos direitos da criança. DECRETO N° 99.710, DE 21 DE NOVEMBRO DE 1990*. Acessado em 01 de novembro de 2011 em: <http://www2.mre.gov.br/dai/crianca.htm>.
- Brasil. (1990). *Estatuto da criança e do adolescente. Lei n. 8,069 de 13 de julho de 1990*. Acessado em 01 de novembro de 2011 em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm.
- Brino, R. F., & Williams, L. C. (2009). Professores como agentes de prevenção do abuso sexual infantil: detalhamento de um programa de capacitação. Em: L. C.

- Williams, & E. A. Araújo, *Prevenção ao abuso sexual infantil: Um enfoque interdisciplinar* (112-127). Curitiba: Juruá.
- Brino, R.F. & Williams, L.C.A. (2009). *A escola como agente de prevenção do abuso sexual infantil*. São Carlos: Suprema, 208p.
- Brown, J., Cohen, P., Johnson, J.G. & Salzinger, S. (1998). A longitudinal analysis of risk factors for child maltreatment: findings of a 17-year prospective study of officially recorded and self-reported child abuse and neglect. *Child Abuse & Neglect*, 22, 1065-1078.
- Caldin, C. F. (2002). A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, 7(13), 25-38.
- Caminha, R.M.(2002) Grupoterapia cognitivo-comportamental em abuso sexual infantil. Em: H. J. Guilhardi, B.B.P. Madi, P.P. Queiroz & M.C. Scoz. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: Contribuições para a construção da teoria do comportamento*. (pp. 322-335). Santo André: ESETEC.
- Del Prete, A & Del Prete, Z. A. P. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis: Vozes.
- Duarte, J. C. &Arboleda, M. R. C. (2005). Sintomatologia, avaliação e tratamento do abuso sexual infantil. Em: V. E. Caballo & M. A.Simon (Orgs.). *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente*. (pp. 293-321). São Paulo: Ed. Santos.
- Eliot, M; Browne, K; & Kikoyne, J. (1995).Child sexual abuse prevention: What offenders tell us. *Child Abuse & Neglet*, 19(5), 579-594.
- Finkelhor, D. (1994). The international epidemiology of child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 18, 409-417.

- Finkelhor, D. (2009). The prevention of childhood sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 19(2), 169-194.
- Flores, R.Z & Caminha, R.M. (1994). Violência sexual contra crianças e adolescentes – Algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 16(2), 158-167.
- Flores, E. P., Santos, G. F. A., Amadeu, L. F. M. & Dias, A. R. (2013). Leitura Compartilhada em um Hospital Pediátrico: Análise do Comportamento Verbal dos Contadores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 711-720.
- Goicochea, P. (2001). *Abuso sexual infantil: Manual de formación para profesionales*. Save the Children. Universidade de Barcelona: Barcelona.
- Johnson, R.A. & Wichern, D.W. (2008). *Applied Multivariate Statistical Analysis*. 7a ed. Prentice Hall, Englewood Cliffs. 773 p.
- Lampert, J., & Walsh, K. (2010). 'Keep telling them until someone listens': understanding prevention concepts in children's picture books dealing with child sexual abuse. *Children's Literature in Education*, 41(2), 146-167.
- Padilha, M. G., & Gomide, P. I. C. (2004). Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. *Estudos de Psicologia*, 9(1), 53-61.
- Padilha, M. G., & Williams, L. C. (2009). Intervenção escolar para prevenção do abuso sexual com estudantes pré-adolescentes e adolescentes. Em: L. C. Williams, & E. A. Araújo. (Orgs.). *Prevenção ao abuso sexual infantil: um enfoque interdisciplinar* (pp. 128-135). Curitiba: Juruá.
- Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças*. São Paulo: M. Books do Brasil.

- Silva, A.R.S; Soma, S.M.P; Watarai, C.F. (2011). *O segredo da tartanina: Um livro a serviço da proteção e prevenção contra o abuso sexual infanto-juvenil*. Pompéia: UDF.
- Soma, S. M. P. & Williams, L. C. A. (em preparo). Avaliação dos principais livros infantis brasileiros para prevenir o abuso sexual.
- Soma, S. M. P. & Williams, L. C. A. (No prelo). Histórias como ferramenta para a prevenção do abuso sexual infanto-juvenil. *Temas em Psicologia*, 22(2)
- Tutty, L. M. (1997). Child sexual abuse prevention programs: Evaluating who do you tell. *Child Abuse & Neglect*, 21(9), 869-881.
- Veltman, M. W. M., & Browne, K. D. (2001). Three decades of child maltreatment research: Implications for the school years. *Trauma, Violence, & Abuse*, 2, 215-239.
- Williams, L. C. A. (2009). Introdução ao estudo do abuso sexual infantil e análise do fenômeno no Município de São Carlos. Em: L. C. A. Williams & E. A. C. Araújo (Orgs.). *Prevenção do abuso sexual infantil: Um enfoque interdisciplinar* (pp. 21-42). Curitiba: Editora Juruá .
- Williams, L. C. A. (2010). *A terra dos bons pensamentos: Uma história sobre como viver em harmonia com seus pensamentos (e seus vizinhos)*. São Paulo: Evoluir Cultural.
- Williams, L.C.A. (2012). *Pedofilia: Identificar e prevenir*. São Paulo: Brasiliense.
- Williams, L.C.A., Padilha, M.G.S. & Brino, R.F. (2013). Programas de prevenção de abuso sexual. Em: A.P. Serafim, D.M. Barros & F. Saffi (Orgs.). *Temas em Psiquiatria Forense e Psicologia Jurídica III*. (pp.231-248). São Paulo: Vetor.
- Wolfe, V. V. (2006). Child sexual abuse. Em: M., & B. (Org.). *Treatment of childhood disorders* (pp. 545-597). New York: The Guilford Press.

World Health Organization. (2002). *Global consultation on violence and health violence: A public health priority*. Geneva: Who.

Wurtele, S. K. (2008). Behavioral approaches to educating young children and their parents about child sexual abuse prevention. *The Journal of Behavior Analysis of Offender and Victim Treatment and Prevention*, 1(1), 52-64.

Wurtele, S., Hughes, J., Owens, J.S. (2006). An examination of the reliability of the "What If SituationTest": a brief report. *Journal of Child Sexual Abuse*, 7(1), 41-52.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, buscou apresentar por meio de três estudos, um panorama geral sobre o abuso sexual infantil sob a ótica da contação de histórias. Buscou mostrar que os livros infantis têm um grande potencial não apenas para divertir, mas também para ajudar crianças a lidar com os problemas diários. Os estudos mostraram que é possível tratar de assuntos difíceis, sem perder a ludicidade, e obter resultados satisfatórios. Os LIAPs podem ensinar habilidades protetivas às crianças e podem ser ferramentas importantes para os programas preventivos. Contudo, há a necessidade urgente de se produzir conhecimento científico nessa área, ainda inédita não apenas em nosso país, mas no mundo. Os resultados apontaram que a habilidade de relatar foi a mais impactada, sendo essa fundamental para as crianças na faixa de idade pesquisada, pois as outras mostraram-se desenvolvidas na amostra.

O presente estudo pretende contribuir com avanços importantes para as pesquisas da área e, sobretudo, contribuir de forma substancial para instrumentalizar crianças a identificarem situações de risco e principalmente a se proteger de situações que possam violar seus direitos e lhes trazer sofrimento.

ANEXO 1

FICHA DE AVALIAÇÃO LIAP (Livro Infantil de Abordagem Preventiva)

Nome do avaliador:

Nome do livro avaliado:

Critérios de avaliação

INSTRUÇÕES

Caro avaliador,

O livro que você deverá avaliar está disponível neste link:

<https://drive.google.com/file/d/0B8lcyg8H2MkScjJOb2cLXNaa2M/edit?usp=sharing>

Após ler a história, aprecie atentamente os critérios abaixo e marque na coluna sua avaliação conforme especificado abaixo:

ATENDE O CRITÉRIO: se o livro apresentar a informação de forma adequada

ATENDE PARCIALMENTE O CRITÉRIO: se o livro apresentar a informação, mas necessitando de ajustes

NÃO ATENDE O CRITÉRIO: Se o livro não apresentar a informação, ou se a mesma estiver apresentada de maneira totalmente inadequada.

Não se esqueça de clicar em ENVIAR FORMULÁRIO ao final de sua avaliação.

Bom trabalho!

CRITÉRIOS	ATENDE O CRITÉRIO	ATENDE PARCIALMENTE O CRITÉRIO	NÃO ATENDE O CRITÉRIO
Apresenta modelos positivos?			
Ensina o pensamento crítico e habilidades de tomada de decisão?			
Apresenta personagens com os quais os leitores possam se identificar?			
Ensina sobre as partes íntimas e anatomia do seu próprio corpo?			
Desmistifica o sexo e contribui para atitudes saudáveis em relação à sua sexualidade e seu corpo?			
Fornecer instruções explícitas sobre a posse de seu próprio corpo (meu corpo me pertence)?			
Evita soluções simples, que não são úteis ou realistas, pois não existem finais felizes sem trabalho árduo?			
Ajuda a discriminar entre um toque adequado e inadequado?			
Ajuda a discriminar a diferença entre segredos e surpresas, ressaltando que alguns segredos devem ser informados?			
Ensina que os adultos às vezes agem de forma inadequada ou inapropriada?			
Procura diferenciar os tipos			

de abusos sexuais, diferenciando ainda carícias abusivas de toques afetuosos?			
Inclui informações para ajudar os leitores a reconhecer se os mesmos são vítimas de abuso?			
É cuidadoso ao apresentar o(a) ofensor(a)?			
Salienta que o comportamento inadequado de um adulto nunca é culpa da criança?			
Ensina que as vítimas não têm um estereótipo, ou seja, podem ser de qualquer gênero, idade e etnia?			
Ensina que não existe um estereótipo de ofensor, que o mesmo pode ser um adulto do sexo masculino ou feminino, ou ainda uma criança maior ou adolescente?			
Ensina que os ofensores podem ser pessoas de sua confiança ou pessoas conhecidas?			
Ensina normas de segurança geral (endereço, telefone, telefones de emergência) para crianças?			
Ensina à criança que ela pode dizer não e rejeitar insinuações não desejadas?			
Fornecer a exposição repetida de mensagens de segurança?			
Salienta que as crianças têm o direito de ficar em segurança?			
Ensina à criança a identificar pessoas de sua confiança?			
Incentiva a criança a contar a um adulto de confiança sobre coisas que a incomodam?			
Incentiva a denúncia e a notificação dos casos?			
Oferece oportunidade para a participação ativa das crianças durante a leitura?			
Fornecer material de apoio para pais e professores?			
Evita cenas gráficas de abuso e violência?			

No espaço abaixo você pode deixar seus comentários a respeito do livro:

ANEXO 2

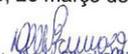


GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
E. E. “DOM ALBERTO JOSÉ GONÇALVES”
Rua Flávio Uchoa, n.º 916 – CEP 14080-430 – Fone: 3961-2440

DECLARAÇÃO

A direção desta Unidade Escolar declara que a aluna Sheila Maria Prado Soma, regularmente matriculada no primeiro semestre de 2013, como aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (PPGpsi/UFSCar), está autorizada a realizar a intervenção referente ao Projeto de Pesquisa intitulado “Contação de História como ferramenta para prevenção do abuso sexual infantil”, nesta Unidade Escolar, após reunião e autorização dos pais dos alunos envolvidos na pesquisa.

Ribeirão Preto, 28 março de 2013


Damiana Nadia da Silveira Barrozo
Diretor de Escola
RG. 9.468.888

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA PREVENÇÃO DO ABUSO SEXUAL INFANTIL

Pesquisador: Sheila Maria Prado Soma

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16166913.2.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ((CNPq))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 290.913

Data da Relatoria: 11/06/2013

Apresentação do Projeto:

A pesquisa se dará de acordo com a metodologia de grupos experimentais e de controle onde a variável independente será a intervenção através da contação de histórias e a variável dependente será o desempenho das crianças após a intervenção. O procedimento de intervenção se dará com dois grupos experimentais e um grupo controle escolhidos de forma randomizada. O projeto será desenvolvido em 5 etapas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Avaliar a eficácia da contação de história como meio para a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças do 2º ano Ensino Fundamental.

Objetivo Secundário:

a) verificar se a leitura da história O Segredo da Tartanina pode promover de forma substancial a aquisição de habilidades de autoproteção contra o abuso sexual em crianças em comparação ou mesmo as duas situações; b) leitura de outro livro infantil utilizado em prevenção mas não específico ao abuso sexual infantil; e c) re-exposição da criança ao instrumento sem qualquer leitura de livro, ou seja, apenas com a passagem do tempo.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP **Município:** SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9883

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Continuação do Parecer: 290.913

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O risco decorrente da presente pesquisa poderá ser o desconforto diante do delicado assunto a ser tratado, ou ainda decorrente da possibilidade de trazer lembranças de experiências vividas ou presenciadas. Sendo necessário, poderá ser feito encaminhamento aos órgãos de atendimento do município que contam com profissionais capacitados para atendimento psicológico adequado. Entretanto, a elaboração do presente trabalho foi realizada a fim de minimizar a ocorrência de tal desconforto.

Benefícios:

Os benefícios esperados são o de principalmente contribuir para que as crianças possam desenvolver habilidades para se protegerem diante da possibilidade de ocorrência de uma situação de abusiva. Além disso, a presente pesquisa visa contribuir para que programas de prevenção sejam implementados a fim de que outras crianças possam ser beneficiadas pela replicabilidade desta pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de grande contribuição para a área.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de acordo com a Resolução 196/96.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-005

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 290.913

SAO CARLOS, 03 de Junho de 2013

Assinador por:
Maria Isabel Ruiz Beretta
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9883

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 03

ANEXO 4



Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (18) 3351-8745 - Fax: (18) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE-ESCLARECIDO

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA AQUISIÇÃO DE HABILIDADES AUTOPROTETIVAS EM CRIANÇAS

Prezado Familiar seu/sua filho/filha está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa cujo objetivo é capacitar crianças a se protegerem da ocorrência de atos abusivos. Esse formulário de consentimento confirma que você concorda que seu/sua filho/filha participe de uma oficina de contação de histórias e entrevistas vinculadas ao projeto da Psicóloga e Mestranda Sheila Maria Prado Soma, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob a orientação da Prof.^a Lúcia Albuquerque de Cavalcanti Williams.

Vamos pedir que seu/sua filho/filha participe da leitura de um livro de histórias infantis que será conduzida por estagiários do curso de Pedagogia do Grupo Educacional UNIESP (União Nacional das Instituições de Ensino Superior Privado) de Ribeirão Preto-SP. Esses estagiários também farão perguntas às crianças utilizando um roteiro de entrevistas em 3 momentos distintos. O primeiro momento será antes da contação de histórias, o segundo momento será após a contação de histórias e o terceiro momento será após 6 semanas da contação de histórias. Esses estagiários serão treinados pela pesquisadora para contar histórias e para utilizar o roteiro de entrevistas que irá avaliar se a história contada é realmente eficiente para ajudar as crianças a se protegerem de possíveis situações abusivas. A pesquisadora estará presente na escola durante todo o tempo para auxiliar os estagiários sempre que for preciso. A oficina acontecerá no mesmo período de aula e nas dependências da escola de seu/sua filho/filha.

Benefícios: A participação de seu/sua filho/filha na pesquisa é muito importante, pois irá contribuir principalmente para que ele/ela possa desenvolver habilidades para se proteger diante da possibilidade de ocorrência de uma situação abusiva. Além disso, a presente pesquisa deseja contribuir para que programas de prevenção sejam implementados a fim de que outras crianças possam ser beneficiadas.

Riscos e desconfortos: O risco decorrente da presente pesquisa poderá ser o desconforto diante dos assuntos tratados, ou ainda decorrente da possibilidade de trazer lembranças de experiências vividas ou presenciadas. Sendo necessário, poderá ser feito encaminhamento aos órgãos de atendimento do município que contam com profissionais capacitados para atendimento psicológico adequado. Entretanto, a elaboração do presente trabalho foi realizada a fim de minimizar a ocorrência de tal desconforto. Contudo, em nossa experiência com atividades semelhantes e também com o projeto piloto, as crianças tem demonstrado interesse e gostado bastante da atividade.

A participação de seu/sua filho/filha é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a autorizar a sua participação, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo. O mesmo vale para seu/sua filho/filha, se ele/ela desejar não participar das atividades propostas. O(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação.

As atividades com as crianças serão filmadas, e as entrevistas serão transcritas, entretanto será garantido o sigilo quanto à participação e informações fornecidas, resguardando o direito a não exposição, ou seja, em nenhum momento e sob nenhuma circunstância será revelada a sua identidade ou a identidade de seu/sua filho/filha. Todas as respostas serão analisadas usando um código de identificação que será dado a cada participante. Depois de receber as entrevistas e as filmagens, os pesquisadores irão analisar as respostas e guardá-los em um arquivo. Os dados serão usados por profissionais sérios, que vão manter o sigilo sobre todas as respostas e informações.



Laboratório de Análise e Prevenção da Violência
Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Psicologia
Caixa Postal 676 13.565-905 São Carlos - SP
Fone: (18) 3351-8745 - Fax: (18) 3351-8357
www.ufscar.br/laprev



Se você tiver perguntas ou dúvidas fale com a Coordenadora/Facilitadora da oficina de contação de histórias:

Nome: Sheila Maria Prado Soma
Telefone: (16) 3351 8745/ (16) 9754 4277
Email: contacao.ufscar@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2013.

Escreva seu nome completo: _____

Sua assinatura: _____

Escreva aqui o nome completo do/a seu/sua filho/filha: _____

Assinatura da criança: _____

Nome do facilitador: Sheila Maria Prado Soma

Assinatura do Facilitador: _____

Orientação do Projeto: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

ANEXO 5

TSC (Teste de Situações Condicionais)
 WIST III-R (What If Situation Test)
 Sandy K. Wurtele **

NOME: _____

IDADE: _____ ANOS D.N.: ____/____/____ DATA DA APLICAÇÃO: ____/____/2013

ESCOLA: _____

TURMA: _____ PROFESSOR: _____

PRÉ-TESTE PÓS-TESTE FOLLOW-UP
 GRUPO TARTANINA GRUPO TERRA DOS BONS PENSAMENTOS GRUPO CONTROLE

NOME DO APLICADOR: _____ ASS.: _____

TREINO A	
E se você estivesse brincando, caísse e arranhasse o joelho, sua professora se aproximou e disse: " (NOME DA CRIANÇA), Eu preciso olhar seu joelho para ver se precisa de um "Band-Aid".	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
A) Tudo bem para você se sua professora olhasse seu joelho?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.	
B) O que você diria para sua professora?	Resposta: _____
C) O que você faria?	Resposta: _____
D) Você contaria para alguém que sua professora queria olhar seu joelho?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para o TREINO B. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.	
D1) Para quem você contaria?	Resposta: _____
D2) Contaria para alguém mais?	Resposta: _____
E) E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta: _____
TREINO B	
E se uma pessoa que você não conhece convidasse você para dar um passeio de carro.	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
A) Tudo bem você passear de carro com um desconhecido?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.	
B) O que você diria para a pessoa desconhecida?	Resposta: _____

C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você contaria para alguém que uma pessoa desconhecida quis te levar para passear de carro?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena I. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA I		
E se você estivesse andando de bicicleta, caísse e machucasse suas partes íntimas (<i>investigar com a criança se ela conhece quais são essas partes. Se ela não souber quais são, explique que são as partes que ficam dentro da calcinha ou cueca.</i> Quando você voltasse para casa, sua mãe ou seu pai quisesse examinar suas partes íntimas.		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você se seu pai ou sua mãe olhar as suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria para sua mãe ou seu pai?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você contaria para alguém que seu pai ou sua mãe quisessem olhar suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena II. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA II		
E se depois que você tivesse caído da sua bicicleta e machucado suas partes íntimas, seus pai ou sua mãe levasse você ao médico e o médico dissesse: " Preciso tocar nas suas partes íntimas, (NOME DA CRIANÇA)".		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você se o médico tocasse em suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>

2

Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria ao médico?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você diria a alguém que o médico queria tocar suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena III. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA III		
E se um vizinho, que é gente grande e mora perto dissesse para você: "Ei (NOME DA CRIANÇA), vamos brincar de um jogo bem divertido! Você tira toda a sua roupa e eu vou tirar fotos das suas partes íntimas com a minha câmera!"		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você se seu vizinho tirasse fotos de você pelado(a)?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria para seu vizinho?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você contaria para alguém que seu vizinho queria tirar fotos de você pelado(a)?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena IV. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA IV		
E se você tivesse uma babá que dissesse para você: "(NOME DA CRIANÇA) eu vou deixar você ficar acordado até tarde para assistir ao seu programa favorito de TV se você tocar por um tempinho nas minhas partes íntimas".		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você tocar nas partes íntimas da sua babá?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>

Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria para sua babá?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você diria a alguém que sua babá queria que você tocasse nas partes íntimas dela?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena V. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA V		
E se você estivesse brincando no parque e um homem que você gosta dissesse a você: "(NOME DA CRIANÇA) eu compro para você um sorvete se você tirar a calça e me deixar tocar suas partes íntimas".		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você se o homem tocasse suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria para esse homem?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você contaria para alguém esse homem queria tocar suas partes íntimas)?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena VI. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
CENA VI		
E se você tivesse um machucado (dodói) nas suas partes íntimas e doesse bastante. Se sua mãe levar você no consultório médico e a enfermeira, que ajuda o médico, quisesse tocar nas suas partes íntimas para colocar remédio.		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você a enfermeira tocar nas suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>

Se a criança responder SIM, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO, faça as perguntas B C e D. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas B C e D.		
B)	O que você diria para a enfermeira?	Resposta:
C)	O que você faria?	Resposta:
D)	Você diria a alguém que a enfermeira quis tocar suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
Se a criança responder NÃO, vá para a Cena VII. Se a criança responder NÃO SEI, dê-lhe uma dica e pergunte outra vez. Se a criança responder NÃO SEI novamente, faça as perguntas D1, D2 e E. Se a criança responder SIM, faça as perguntas adicionais D1 e D2 e E.		
D1)	Para quem você contaria?	Resposta:
D2)	Contaria para alguém mais?	Resposta:
E)	E o que você diria para (Nome da primeira pessoa citada acima (questão D1).	Resposta:
ITENS SUPLEMENTARES DO QUESTIONÁRIO DE SEGURANÇA PESSOAL		
CENA VII		
E se uma gente grande tocasse as partes íntimas de uma criança.		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Será que a criança fez alguma coisa errada?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
E se a gente grande dissesse: "Não conta nada a ninguém...Isso vai ser nosso segredo.		
B)	A criança deveria contar a alguém?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
CENA VIII		
E se você estivesse na banheira e tivesse lavando o corpo.		
PERGUNTAS		RESPOSTAS
A)	Tudo bem para você tocar suas próprias partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>
B)	Você gosta das suas partes íntimas?	SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/> NÃO SEI <input type="checkbox"/>

Anote aqui suas observações

GUIA DE PONTUAÇÃO

SITUAÇÃO DE TOQUE INAPROPRIADO (QUESTÕES III, IV e V)		
1) Estaria tudo bem?		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
SIM ou NÃO SEI	0	
NÃO	1	
OBS. Situações apropriadas (I, II, VI) só serão pontuadas neste item (SIM=resposta correta)		
2) O que você diria?		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Recusa Definitiva	2	
A criança definitivamente se recusa a concordar com o pedido reconhecendo que o mesmo é inapropriado. As declarações da criança precisam seguir as regras de segurança. EXEMPLOS: Não! Obrigado. Não faça isso. Não me toque aqui. Eu não vou fazer. Isto não é certo. Esqueça! Tenho que perguntar para minha mãe/pai.		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Recusa cautelosa	1	
A criança se recusa timidamente (de forma cautelosa) a concordar com solicitações por meio de ameaças, desculpas ou adiamentos. EXEMPLOS: Eu vou contar. Eu não posso. Eu não quero. Minha mãe não deixa. Eu quero ir dormir (situação da babá). Isso não é certo. A criança pede para a pessoa ir embora.		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Não recusa	0	
A criança não recusa o pedido, não sabe o que dizer ou concorda com a solicitação. EXEMPLOS: Não sei. Me dá um Real primeiro. Eu colocaria minhas roupas de volta e fugiria. Eu sairia de lá. Xingamentos.		
3) O que você faria?		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Recusa/fuga definitiva	2	
A criança imediatamente se retira da situação EXEMPLOS: Eu sairia. Eu iria para casa. Eu ia contar para alguém. Vá embora. Eu ia chamar minha mãe/pai (situação da babá). Eu iria dormir (situação da babá).		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Recusa/fuga vaga	1	
A criança descreve uma fuga atrasada, ou seja que não interrompe de forma imediata a situação. Descrições vagas de recusa e fuga. EXEMPLOS: Eu ia contar que foi ele/ela. Contar para a mãe. Eu não faria isso. Perguntar para mãe/pai quando chegarem em casa (situação da babá). Iria dormir (situação da babá, a não ser que a criança dissesse que iria para o quarto dormir = 2 pontos).		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Não recusa/fuga	0	
A criança permanece na situação ou atende a solicitação. Dá uma resposta agressiva ou apenas dá uma resposta verbal. EXEMPLOS: Eu não faria nada. Eu não sei. Brincaria com ele. Bateria nele. Eu diria não. Eu ia por minhas roupas. Gritaria.		
4) Para quem você contaria?		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
2 ou mais pessoas	2	
1 pessoa ou descrição vaga, por exemplo um amigo	1	

Ninguém	0	
5) O que você diria para a pessoa citada acima?		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Pessoa + situação	2	
A criança descreve tanto a pessoa quanto a situação que ocorreu.		
Exemplos: Minha babá quis que eu tocasse suas partes íntimas, ou minha babá quis tocar nas minhas partes íntimas. Para a situação do homem no parque, aceitar as respostas: Homem no parque, homem ou cara, uma pessoa maior, um amigo, para alguém estranho, exceto que a criança diga "para alguém no parque". Para vizinho, aceitar: gente grande, homem ou cara.		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Pessoa ou situação	1	
Exemplo: Eles tiraram fotos das minhas partes íntimas. Alguém quis tocar minhas partes íntimas. No caso da babá, "ela queria tocar nas minhas partes íntimas" ou "ela queria que eu tocasse nas suas partes íntimas". Para a situação do homem no parque, "Ele/alguém queria tocar minhas partes íntimas. Eu não gosto da minha babá. Quem era e o que eles tentaram fazer. Alguém está tentando fazer coisa errada comigo/meu corpo.		
RESPOSTA	PONTUAÇÃO	TOTAL
Nenhuma informação	0	
A identidade da pessoa e a descrição da situação são inadequadas.		
Exemplo: Alguém mexeu comigo. Eu não gosto. Eles tiraram fotos. Manda eles pararem. Alguém tocou minhas partes íntimas.		

¹ Wurtele, S.K., Hughes, J., & Owens, J.S. (1998). An examination of the reliability of the „What If“ Situations Test: A brief report. *Journal of Child Sexual Abuse*, 7, 41-52.

² Tradução e adaptação de Sheila Maria Prado Soma e Lucia Cavalcanti de Albuquerque Williams, com base na versão anterior de Barros, Williams e Brino(2008) com autorização da autora para uso exclusivamente em pesquisa no LAPREV. (Barros R.D., Williams, L.C.A., Brino, R.F. (2008) Habilidades de auto proteção acerca do abuso sexual em mulheres com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*. 14(1), 93-110.)